



**Universidade Federal Rural de Pernambuco
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia
EAD/UFRPE – Polo Pesqueira
Licenciatura em História**

JAMILLY MARIABARBOSA LIMA

UM ESTÁGIO SUPERVISIONADO “FORA DA CAIXA”: a experiência do
Estágio Não Escolar no curso de Licenciatura em História EAD/UFRPE

**PESQUEIRA – PE
2023**



**Universidade Federal Rural de Pernambuco
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia
Curso de Licenciatura em História – EAD/UFRPE
Estágio Curricular Obrigatório III**

JAMILLY MARIA BARBOSA DE LIMA

UM ESTÁGIO SUPERVISIONADO “FORA DA CAIXA”: a experiência do
Estágio Não Escolar no curso de Licenciatura em História EAD/UFRPE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal Rural de Pernambuco como
requisito a obtenção do título de Licenciada em
História.

Orientadora: Profa. Dra. Marta Margarida de
Andrade Lima

**PESQUEIRA – PE
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- L732e Lima, Jamilly Maria Barbosa
UM ESTÁGIO SUPERVISIONADO "FORA DA CAIXA": a experiência do Estágio Não Escolar no curso de Licenciatura em História EAD/UFRPE / Jamilly Maria Barbosa Lima. - 2024.
51 f. : il.
- Orientadora: Marta Margarida de Andrade .
Inclui referências.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em História, Recife, 2024.
- I. Licenciatura em História EAD. 2. Estágio não Escolar . 3. Formação Docente . 4. Ensino de História . I. , Marta Margarida de Andrade, orient. II. Título

CDD 909

JAMILLY MARIA BARBOSA DE LIMA

UM ESTÁGIO SUPERVISIONADO “FORA DA CAIXA”: a experiência do Estágio Não Escolar no curso de Licenciatura em História EAD/UFRPE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de licenciada em História.

Banca examinadora:

Profª. Dra. Marta Margarida de Andrade Lima –
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)
(Orientadora)

Profª. Ms. Helisangela Maria Andrade Ferreira
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE/UAB)
(Examinadora Interna)

Prof. Dr. José Bezerra de Brito Neto
Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE)
(Examinador Externo)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, a fonte inesgotável de sabedoria e inspiração, por ter conduzido meus pensamentos e iluminado minha direção em cada etapa desta jornada acadêmica.

Expresso minha gratidão também a Thiago Alves Cordeiro, meu esposo, e a Heitor Lima Cordeiro, meu amado filho, por serem a principal fonte de motivação para superar cada obstáculo em minha vida.

À minha orientadora, professora Marta Margarida de Andrade Lima, as palavras não são suficientes para demonstrar a minha gratidão pela sua orientação, não apenas neste trabalho, mas também por contribuir significativamente para o meu crescimento como estudante e como pessoa. Cada conselho seu foi como uma bússola que me direcionou no caminho do conhecimento.

À Universidade Federal Rural de Pernambuco, agradeço pela oportunidade única de estudar História em um ambiente educacional tão conceituado. Meu agradecimento especial também vai para os dedicados professores que sempre tentam incentivar a cada aluno na busca pelo conhecimento, seus apoios e ensinamentos foram vitais para minha jornada acadêmica.

Aos colegas de turma, em especial a Elenice Farias, Everson Dênis, Ianny Carla e Mayse Byanca, agradeço pelo companheirismo e atenção durante toda a graduação. Cada momento que vivenciamos juntos, desde as aulas até os desafios superados, contribuiu para a nossa formação acadêmica e pessoal. Obrigado por transformarem a licenciatura em uma história inesquecível.

Este trabalho é o resultado de uma jornada coletiva, e por isso, minha gratidão se estende a todas as pessoas que de alguma forma colaboraram para minha formação e crescimento.

RESUMO

Este trabalho visa explorar a vivência do Estágio Curricular Obrigatório não escolar, realizado por futuros professores de História, no sétimo período do curso de Licenciatura em História, na modalidade EAD da Universidade Federal Rural de Pernambuco. A pergunta central que orienta esse trabalho é: "Quais são as contribuições advindas da prática do estágio curricular não escolar para a formação docente em História?". No qual tem por objetivos específicos: (i) descrever a disciplina de Estágio Curricular Obrigatório III, realizada no semestre 2023.1, identificando sua construção, orientações e condução pedagógica; (ii) Identificar os desafios enfrentados para a realização do estágio não escolar; (iii) analisar a experiência vivenciada na disciplina; (iv) construir uma reflexão sobre as experiências vivenciadas durante esse estágio atentando para as características de um curso na modalidade a distância e sobre como pode influenciar a prática docente em História e contribuir com a formação docente. A disciplina de Estágio Curricular Obrigatório III, realizada no semestre 2023.1, é descrita, analisada, e são identificados desafios enfrentados para a realização do estágio não escolar. A reflexão sobre as experiências vivenciadas destaca as características do curso a distância e sua influência na prática docente em História. Compreendemos o estágio não escolar como uma experiência em diversos ambientes, como museus, centros culturais, empresas e organizações não governamentais. Este se transforma em um espaço onde o docente em formação estabelece elos de educação com a comunidade, construindo uma base sólida para sua prática futura. Associando as experiências do estágio não escolar à teoria educacional de Libâneo, percebemos que a educação transcende o ambiente escolar, interagindo com as relações sociais. No contexto do estágio curricular em História seguimos a compreensão de autores como Pimenta, Lima, Libâneo, Moran, Gohn, Marc Bloch e Leandro Karnal, onde dialogam sobre o estágio não escolar e o ensino de História possibilitando refletir sobre espaços onde o docente em formação estabelece elos de educação com a comunidade, construindo uma base sólida para sua prática futura. O ambiente onde esse trabalho ocorreu foi na biblioteca pública municipal de Arcoverde, utilizando procedimentos metodológicos como a história oral, em um projeto intitulado de Cartonera. O projeto envolveu um público de mulheres da terceira idade do projeto casa60+, as mesmas customizaram livros feitos de materiais recicláveis, seguido pela produção de uma autobiografia ou registro de conhecimentos populares, como, por exemplo, receitas familiares. A diversidade de contextos proporcionada pelo estágio não escolar aumentou a percepção da história, conduzindo a prática em sala de aula a novos horizontes. O contato com informações e metodologias distintas apontou outras possibilidades de ensino, incentivando métodos inovadores e uma abordagem fora dos padrões tradicionais. O resultado alcançado foi a riqueza de aprendizagens e experiências provenientes do estágio curricular não escolar, reconhecendo a necessária integração de ambos os estágios (escolar e não escolar), promovendo uma visão ampliada e crítica sobre diferentes situações socioeducacionais, fundamental para a formação docente. Valorizando essa prática, contribuimos para a formação de professores mais flexíveis, reflexivos e sensíveis, capazes de oferecer um ensino mais vivo, alegre, significativo e culturalmente envolvente. Acreditamos que a experiência do estágio não escolar enriquece a formação do docente em História.

Palavras chave: Licenciatura em História EAD, Estágio não Escolar, Formação Docente, Ensino de História.

ABSTRACT

This paper aims to explore the experience of the Non-School Curricular Internship, undertaken by future History teachers in the seventh semester of the Distance Learning History Teaching degree at the Federal Rural University of Pernambuco. The central question guiding this work is: "What are the contributions arising from the practice of non-school curricular internship to teacher training in History?". It has specific objectives: (i) to describe the Non-School Curricular Internship III course, held in the 2023.1 semester, identifying its construction, guidelines, and pedagogical approach; (ii) to identify the challenges faced in carrying out the non-school internship; (iii) to analyze the experience gained in the course; (iv) to construct a reflection on the experiences gained during this internship, paying attention to the characteristics of a distance learning course and how it can influence teaching practice in History and contribute to teacher training. The Non-School Curricular Internship III course, held in the 2023.1 semester, is described, analyzed, and challenges faced in carrying out the non-school internship are identified. The reflection on the experiences highlights the characteristics of the distance learning course and its influence on teaching practice in History. We understand the non-school internship as an experience in various environments, such as museums, cultural centers, companies, and non-governmental organizations. This becomes a space where the teacher in training establishes educational links with the community, building a solid foundation for their future practice. Associating non-school internship experiences with Libâneo's educational theory, we perceive that education transcends the school environment, interacting with social relations. In the context of curricular internship in History, we follow the understanding of authors such as Pimenta, Lima, Libâneo, Moran, Gohn, Marc Bloch, and Leandro Karnal, who discuss non-school internship and the teaching of History, enabling reflection on spaces where the teacher in training establishes educational links with the community, building a solid foundation for their future practice. The environment where this work took place was the municipal public library of Arcoverde, using methodological procedures such as oral history, in a project entitled *Cartonera*. The project involved an audience of elderly women from the *casa 60+* project, who customized books made of recyclable materials, followed by the production of an autobiography or recording of popular knowledge, such as family recipes, for example. The diversity of contexts provided by the non-school internship increased the perception of history, leading classroom practice to new horizons. Contact with different information and methodologies pointed to other teaching possibilities, encouraging innovative methods and an approach beyond traditional standards. The result achieved was the richness of learning and experiences arising from the non-school curricular internship, recognizing the necessary integration of both internships (school and non-school), promoting an expanded and critical view of different socio-educational situations, essential for teacher training. By valuing this practice, we contribute to the formation of more flexible, reflective, and sensitive teachers, capable of offering a more vibrant, joyful, meaningful, and culturally engaging teaching. We believe that the experience of the non-school internship enriches the training of History teachers.

Keywords: Distance Learning History Teaching degree, Non-School Internship, Teacher Training, Teaching of History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM 1 AVA-UFRPE.BR.....	16
FIGURA 2: AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM 2 AVA-UFRPE.BR.....	17
FIGURA 3: IMAGEM DE ABERTURA DA DISCIPLINA AVA-UFRPE.BR.....	21
FIGURA 4: OUTROS RECURSOS DO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM AVA-UFRPE.BR.....	22
FIGURA 5: FÓRUM DE APRESENTAÇÃO AVA-UFRPE.BR	22
FIGURA 6: FÓRUMS POR POLOS AVA-UFRPE.BR	23
FIGURA 7: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO AVA-UFRPE.BR	24
FIGURA 8: INTERAÇÃO POR POLOS AVA-UFRPE.BR.....	25
FIGURA 9: MUSEUS VIRTUAIS AVA-UFRPE.BR	26
FIGURA 10: LINKS DE MUSEUS VIRTUAIS AVA-UFRPE.BR.....	26
FIGURA 11: FÓRUM DE DÚVIDAS AVA-UFRPE.BR	27
FIGURA 12: CONTINUAÇÃO DO FÓRUM DE DÚVIDAS AVA-UFRPE.BR	28
FIGURA 13: ENCONTRO VIRTUAL AVA-UFRPE.BR	29
FIGURA 14: MATERIAIS PARA OFICINA- ACERVODA AUTORA	43
FIGURA 15: MÃOS A OBRA- ACERVODA AUTORA	43
FIGURA 16: LIVROS CUSTOMIZADOS PELAS PARTICIPANTES- ACERVODA AUTORA	44
FIGURA 17: CORDELISTA DIOSMAN AVELINO- ACERVODA AUTORA	44
FIGURA 18: CULMINÂNCIA DO PROJETO CARTONERA: PAPELÃO VIRA ARTE- ACERVODA AUTORA.	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	
A ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: A CONSTRUÇÃO DAS DISCIPLINAS NO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM (AVA).....	14
1.1 A disciplina Estágio Curricular Obrigatório III: forma, conteúdos, estratégias e ferramentas apresentadas no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)	18
CAPÍTULO II	
TEORIA E PRÁTICA UMA RELAÇÃO DE APRENDIZAGEM E CONHECIMENTO	31
CAPÍTULO III	
OS ENCANTAMENTOS E DESAFIOS DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO NÃO ESCOLAR.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
SOBRE COMO FINALIZAR ALGO "FORA DA CAIXA": EXPERIÊNCIA DE VIDA E DE APRENDIZADO	46
REFERÊNCIAS.....	49

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a vivência e as contribuições da disciplina Estágio Curricular Obrigatório III, do curso de Licenciatura em História, na modalidade a distância da Universidade Federal Rural de Pernambuco, no primeiro semestre de 2023, caracterizada por ser realizada em espaços não escolares. A questão norteadora da temática trabalhada ao longo deste trabalho é: “Quais as contribuições da prática do estágio curricular não escolar para a formação docente em História?”.

O objetivo central é analisar a prática do estágio curricular em espaços não escolares na formação do licenciado em História, pensando nas suas contribuições e nas dificuldades de sua realização, tendo como objetivos específicos: (i) descrever a disciplina de Estágio Curricular Obrigatório III, realizada no semestre 2023.1, identificando sua construção, orientações e condução pedagógica; (ii) Identificar os desafios enfrentados para a realização do estágio não escolar; (iii) analisar a experiência vivenciada na disciplina e (iv) construir uma reflexão sobre as experiências vivenciadas durante esse estágio atentando para as características de um curso na modalidade a distância e sobre como pode influenciar a prática docente em História e contribuir com a formação docente.

A prática de estágio curricular não escolar envolve a experiência do graduando em ambientes distintos do ambiente escolar, abrangendo ambientes educacionais tais como museus, centros culturais, empresas, organizações não governamentais, entre outros, possibilitando uma ampliação de experiências para a formação docente, com o desenvolvimento de diversas competências que contribuirão para a atuação profissional do professor.

Ao ampliar o conhecimento, o relacionamento com diversos grupos de pessoas, o trabalho em equipe, a conexão com a comunidade, surge também a exigência de propostas metodológicas diferentes que possam se adequar ou corresponder aos diversos ambientes, que poderá fazer a diferença na aprendizagem do futuro professor.

Tais situações oportunizam ao aluno estagiário vivenciar de maneira orientada e supervisionada uma proposta diferenciada de ensino e aprendizagem ao buscar explorar a história – suas narrativas e conceitos - com grupos que tenham interesses e compreensões diferentes daqueles que estão nas salas de aula, sejam crianças, jovens ou adultos.

Por outro lado, além de pensar sobre as questões pedagógicas e a relação com os conteúdos que serão trabalhados é necessário relacionar com as diversas realidades

socioeconômicas, culturais e étnicas das pessoas que fazem parte dos espaços onde são desenvolvidas as atividades do estágio.

Como por exemplo, a escolha do trabalho realizado com um grupo de mulheres da 3ª idade que integram um projeto organizado pela secretaria social da cidade de Arcoverde de nome casa60+, no qual acolhe mulheres com idade a partir de 60 anos para realização de diversas atividades e esse trabalho proporcionou muito aprendizado.

O trabalho realizado na disciplina de Estágio III proporcionou muito aprendizado. Primeiro, pelo fato de se tratar de um estágio em um ambiente totalmente diferente do ambiente escolar, pois o mesmo aconteceu na biblioteca pública municipal de Arcoverde, na região do sertão pernambucano.

Segundo, por desenvolver atividades que não estavam diretamente relacionadas ao que tradicionalmente conhecemos como lecionar, pois a proposta da disciplina era direcionada para elaboração e intervenção de um projeto para aplicação no campo do estágio voltado para a comunidade, onde era necessária a escolha de um público e um lugar para tal realização. Além disso, era necessário amadurecer o que seria trabalhado, pois se tinha o interesse em contar sobre as histórias das pessoas, da cidade e suas memórias.

Mas, a escolha se deu primeiro pelo lugar campo do estágio, depois o público ao qual seria direcionado o projeto e por fim a metodologia utilizada, onde foi planejado desenvolver a customização de um livro usando a técnica cartonera.

De acordo com Magnolia Cartonera (2015) “A palavra cartonera veio da palavra 'cartón' que é o papelão em espanhol. Cartoneras e cartoneros são as pessoas que trabalham recolhendo e desenvolvendo objetos de materiais recicláveis e principalmente papelão... Há muitas editoras cartoneras que trabalham na edição de livros escritos por catadora(e)s de recicláveis ou compram papelão que é coletado por essa(e)s trabalhadora(e)s”.

Como citado a cartoneira é uma técnica que produz livros a partir de materiais recicláveis, portanto, na realização do trabalho pensamos em desenvolver a confecção de um livro a partir do papelão e o uso das vivências das participantes para compor a história narrada nesses livros, partindo das suas histórias de vida, tornando-as autoras e protagonistas da história.

O movimento de perceber as diversas realidades, suas características e diferenças para trabalhar com determinados conhecimentos foi tornando perceptível que o ensino segue para além de modelos tradicionalistas e que deve fazer uso de inovações e metodologias adequadas aos objetivos educacionais ali existentes.

Para tanto, o estagiário, enquanto professor em formação deve atentar que não basta apenas fazer uso de metodologias diversificadas para fugir do tradicional, sem que haja um elo entre a realidade do aluno, o conteúdo trabalhado e a relação como trabalho pedagógico que pode ser feito no ambiente não escolar.

Conforme destacado por Carmem Gil em sua pesquisa intitulada *Práticas Educativas no Museu Histórico Nacional da Argentina* (2019), é essencial considerar que a construção do conhecimento requer uma conexão entre a visitação a ambientes não escolares e o conteúdo abordado ou a ser abordado em sala de aula.

A autora ressalta a importância de evitar que tais visitas sejam simplesmente percebidas como passeios desvinculados do contexto educacional, sem contribuição significativa para a formação histórica dos alunos. Portanto, enfatiza-se a necessidade de planejamento e elaboração cuidadosa do ensino de história em ambientes não escolares, a fim de conferir-lhe sentido e enriquecer a experiência de aprendizado do estudante.

Durante o estágio, o estagiário vivencia uma experiência enriquecedora que contribui para aprimorar sua visão e conduta, preparando-o para futuras práticas de ensino. Nesse contexto, encontra-se imerso em uma fase de construção de experiências que impactam positivamente na sua abordagem pedagógica, levando a refletir sobre essa prática enquanto docente em formação, podendo pensar em metodologias que auxiliem na reprodução de aulas bem elaboradas e com fundamentos, seguindo o pensamento exposto por Gil (2019).

Ao apresentar o potencial de ambientes diversificados e muitas vezes carentes de um olhar flexivo e reflexivo, o estágio não escolar pode proporcionar ao licenciando uma construção de vivências que o torne mais sensível a realidade da sala de aula.

Assim, a prática do estágio curricular não escolar na formação do futuro professor reforça a perspectiva de que a educação é construída através da relação humana e social, pois como afirma Libâneo:

Educação é um conceito amplo que se refere ao processo de desenvolvimento unilateral da personalidade, envolvendo a formação de qualidades humanas - físicas, morais, intelectuais, estéticas, tendo em vista a orientação da atividade humana na sua relação com o meio social, num determinado contexto de relações sociais. A educação corresponde, pois, a toda modalidade de influências e inter-relações que convergem para a formação de traços de personalidade social e do caráter, implicando uma concepção de mundo, ideais, valores, modos de agir, que se traduzem em convicções ideológicas, morais, políticas, princípios de ação frente a situações reais e desafios da vida prática (LIBÂNEO, 2013,p.22).

Diante disso, entende-se o quanto a educação, a formação e a construção de práticas de ensino mais significativas estão ligadas as vivências da sociedade, e nesse quadro encontramos o estágio curricular obrigatório III, não escolar, que se caracteriza por construir

diversos elos de educação através da relação social existente entre o docente em formação e a comunidade presente no campo do estágio.

A experiência do estágio deve se configurar como um espaço/tempo de aprendizado, buscando estabelecer uma relação dialética entre o profissional em exercício e o estudante em processo de formação inicial. Isso possibilita não apenas a profissionalização, conforme destacado por Miranda (2009), mas também a construção da identidade docente por meio do desenvolvimento do conhecimento, como enfatizado por Pimenta (2002).

Foi então a partir da vivência de um estágio diferenciado, com um leque de aprendizagens e experiências realizadas no estágio não escolar, no primeiro semestre de 2023, que se trabalhou com a teoria e a prática aplicada de uma forma distinta da qual já se tinha conhecimento, despertando o interesse em aprofundar o estudo e a reflexão sobre essa prática, compreendida como aliada ao estágio escolar, através da qual o docente em formação no curso de História tem a oportunidade de construções múltiplas, em especial, um olhar diferenciado para a atuação docente dentro e fora da escola. Além da busca por oferecer práticas de ensino mais contextualizadas e conectadas com as pessoas para que a aprendizagem seja envolvente e se torne qualitativa tanto para quem ensina como para quem aprende.

CAPÍTULO I

A ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: A CONSTRUÇÃO DAS DISCIPLINAS NO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM (AVA)

A educação à distância, frequentemente abreviada como EAD, é uma modalidade de ensino que tem desempenhado um papel cada vez mais significativo no panorama educacional brasileiro, com grande repercussão, positivas e negativas, especialmente no período da pandemia vivenciado, mundialmente, entre os anos 2020 e 2022.

A relação entre a educação presencial, também vista, frequentemente, como tradicional e, a educação a distância pode ser compreendida como o resultado da evolução constante do sistema educacional, impulsionado pela tecnologia e pelas necessidades das sociedades em processo constante de mudanças. É reconhecido por todos que a educação é um pilar fundamental da sociedade, que vive em constante busca de descobertas e respostas para as novas formas de viver e pensar das pessoas, como também, procura mostrar a necessidades que temos de adaptação às novas demandas, tendo aí a crescente importância da educação a distância como exemplo.

Neste cenário a educação a distância promove a eliminação das barreiras físicas e geográficas na oferta da formação escolar para todos aqueles que buscam uma formação, em especial, na educação superior. Ela permite que os estudantes entrem nas instituições de ensino, participem de cursos, adquiram conhecimentos, formação profissional e seus diplomas sem a necessidade de uma sala de aula física e a constante presencialidade de alunos e professores.

Concordando com Moran (2002) a Educação a Distância é um processo de ensino aprendizagem mediado por tecnologias, no qual professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente, no entanto, permanecem conectados por uma série de tecnologias (correio, telefone, fax, Internet, etc).

A distância entre os alunos está diminuindo significativamente, impulsionada pelo progresso tecnológico que permite reunir estudantes de diversas localidades em uma sala de aula virtual. Esse fenômeno é evidenciado pelo avanço de plataformas de vídeos e outras ferramentas associadas à educação a distância. Estas, popularmente conhecidas como salas de aula virtuais, não apenas eficazmente facilitam o ensino, mas também o diálogo e a troca de conhecimento em tempo real. Esse contexto demonstra como as inovações recentes na educação a distância transformam a maneira como o aprendizado é concebido e acessado.

Essa realidade que não é nova no país, ela abre portas para uma grande quantidade de pessoas, sejam adultos que desejam continuar sua educação, mas têm dificuldades em conciliar com o trabalho, ou pessoas que residem ou trabalham em áreas remotas, que não têm acesso a instituições de ensino de qualidade ou aqueles que, simplesmente, preferem formas flexíveis de organizar sua vida, seus horários, com ofertas de ensino flexíveis às suas condições e interesses.

Para a educação a distância acontecer é necessário um leque de condições e infraestrutura que vai desde a uma grande política de organização para a oferta dos cursos como os recursos de equipamentos e ferramentas digitais, contando também com acesso à internet, entre outras condições, como por exemplo, o funcionamento de um bom ambiente virtual de aprendizagem (AVA), que pode funcionar através de diferentes plataformas. Sendo uma das possibilidades mais usadas, a plataforma Moodle, onde funciona o AVA.

Este ambiente virtual funciona, verdadeiramente, como uma sala de aula só que no formato não presencial, onde o discente e o docente têm acesso através de *login* e senha gerada a partir do momento que são matriculados (os discentes), e os docentes a partir do momento que são direcionados para lecionar a disciplina.

Conforme destacado por Pereira, Schmidt e Dias (2007), os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) são, em termos conceituais, ciberespaços que utilizam ferramentas para veicular conteúdo e possibilitar a interação entre professores, tutores, alunos e monitores no âmbito do processo educativo. Pedagogicamente, o AVA representa a sala de aula online, um espaço para o ensino e a autoaprendizagem significativa e colaborativa.

Ele se configura como uma plataforma através da qual softwares facilitam a construção de cursos pela Internet, gerenciando tanto o conteúdo quanto o processo educacional dos estudantes. Segundo Santos (2003), é um local rico em significados, onde seres humanos e objetos técnicos interagem, potencializando, assim, a construção de conhecimento e, por conseguinte, o processo de aprendizagem.

O ambiente virtual de aprendizagem conta com uma diversidade de recursos que são usados pelos professores na elaboração de cada disciplina, que permitem aos alunos executarem seus estudos e também se comunicarem com professores, tutores e colegas de turma.

É no espaço do ambiente virtual que a construção do conhecimento acontece. Os professores montam o ambiente conforme sua disciplina e organizam cada semana de aula, disponibilizam os materiais a serem usados, colocam as atividades e mantém contato direto com os estudantes através dos fóruns de participação e neles fazem as trocas e discussões

incentivando a construção do conhecimento. Além dos fóruns de discussão, temos os fóruns de notícias e uma caixa de diálogo para o contato direto com o docente. Durante o curso as disciplinas são distribuídas de forma separadamente, onde cada uma tem sua sala virtual de acesso.

Para analisarmos a disciplina Estágio Curricular Obrigatório III, recorreremos ao AVA como nossa principal fonte já que é neste espaço onde está a orientação do trabalho realizado.

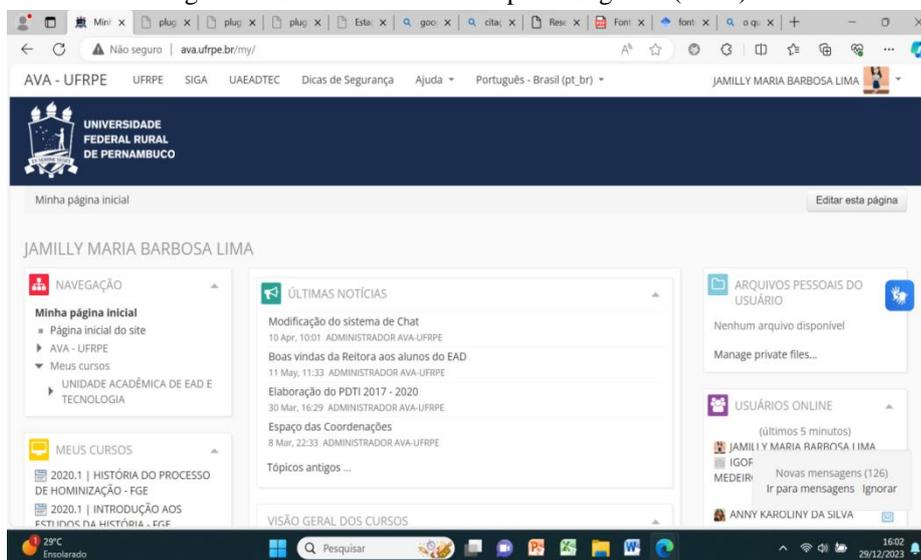
Pensando sobre o uso das fontes buscamos em Barros (2019) a compreensão que:

A “Fonte Histórica” é tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no presente. As fontes históricas são as marcas da história. Quando um indivíduo escreve um texto, ou retorce um galho de árvore de modo a que este sirva de sinalização aos caminhantes certa trilha; quando um povo constrói seus instrumentos e utensílios, mas também nos momentos em que modifica a paisagem e o meio ambiente à sua volta – em todos estes momentos, e em muitos outros, os homens e mulheres deixam vestígios, resíduos ou registros de suas ações no mundo social e natural (BARROS, 2019, p.15).

Diante do conceito de fontes, o ambiente virtual de aprendizagem do curso de licenciatura em História, na modalidade EAD da UFRPE é considerado como fonte principal de parte da pesquisa realizada neste trabalho, pois é através dele que as marcas de conhecimentos serão adquiridas, e desenvolvidas para chegar ao objeto de estudo, possibilitando o conhecimento sobre a disciplina Estágio Curricular Obrigatório III.

As imagens a seguir demonstram como é apresentado a pagina inicial do ambiente virtual de aprendizagem (AVA),

Figura 1: Ambiente virtual de Aprendizagem 1 (AVA)



Fonte: Ambiente virtual de aprendizagem da UFRPE. Acesso em 29 de Dezembro de 2023.

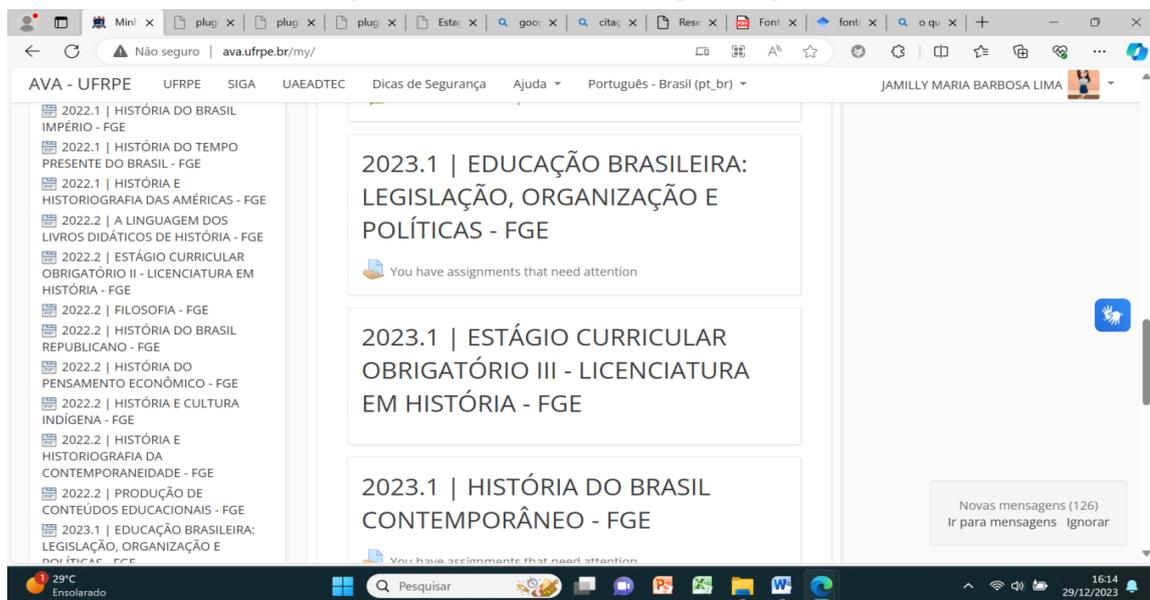
Como se pode observar na imagem acima o Ambiente Virtual de Aprendizagem, permite que o discente tenha acesso as várias opções de navegação, e no lado esquerdo da imagem, é possível visualizar uma caixa com o nome meus cursos, nela o aluno tem acesso a todas as disciplinas cursadas durante a sua graduação, dentre elas a disciplina Estágio III; do lado direito os alunos podem acompanhar os acessos recentes a plataforma, na parte inferior ainda do lado direito um atalho para acessar de forma rápida a caixa de mensagens é disponibilizado, com o intuito de facilitar a comunicação entre docentes e discentes a partir da plataforma.

Ainda nessa primeira imagem, no centro, é disponibilizada uma caixa com informações e atualizações da plataforma, no qual o discente tem acesso a notícias e informações sobre o curso, a instituição e coordenação.

Na figura abaixo há a visualização das disciplinas na parte lateral da página como citado anteriormente, e no meio da mesma, são listadas as disciplinas cursadas durante o período, de forma que facilite o acesso do discente.

Vale ressaltar que a plataforma tem recursos de acessibilidade, no qual permite ao surdo acessar a plataforma, sendo guiado pelo tradutor LIBRAS, disponibilizado na parte lateral da plataforma, no qual é simbolizado por um quadradinho azul com a representação de duas mãos.

Figura 2: Ambiente Virtual de Aprendizagem 2



Fonte: Ambiente virtual de aprendizagem da UFRPE. Acesso em 29 de Dezembro de 2023.

As imagens acima permitem a visualização do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), sendo a fonte principal para a construção deste capítulo.

Para o historiador, estudar e analisar fontes históricas significa vivenciar o passado por meio do presente. Essa abordagem possibilita ao historiador não apenas compreender a visão de outros historiadores de diferentes épocas, mas também estudar a história a partir do presente, estabelecendo relações e comparações entre ambas às perspectivas.

Baseado em estudo das fontes historiográficas o historiador se depara com um vasto repertório que lhe permite mergulhar nas diferentes interpretações do passado. Ao decifrar textos, interpretar imagens e analisar documentos, ele constrói uma narrativa que contribui para a compreensão das sociedades e eventos históricos.

A história, portanto, é um diálogo constante entre o passado e o presente, enriquecido pelas diversas fontes que revelam as variadas facetas da experiência humana ao longo do tempo. Esse diálogo não apenas ilumina as origens e evoluções, mas também oferece conhecimentos valiosos para enfrentar os desafios contemporâneos, conectando-nos de maneira mais profunda com nossa própria trajetória histórica.

1.1 A disciplina Estágio Curricular Obrigatório III: forma, conteúdos, estratégias e ferramentas apresentadas no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)

A disciplina Estágio Curricular Obrigatório III, objeto deste trabalho, foi vivenciada no ano de 2023, no módulo I, com vigência no período de 01/04/2023 a 01/07/2023.

Como disciplina regular e obrigatória da matriz curricular do curso de licenciatura tem sua ementa disponível no Projeto Pedagógico do Curso, conforme abaixo:

Ementa da disciplina Estágio Curricular Obrigatório III	
ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO III- NEAD9457	
PERÍODO A SER OFERTADO: 7º	NÚCLEO DE FORMAÇÃO: III- Estudos Integradores
<p align="center">EMENTA:</p> <p>Cenários de uma nova conjuntura para a prática educativa. Desafios para a educação formal e educação não-formal; (Educação em Direitos Humanos, Gênero e Sexualidade, Educação Ambiental, Educação Inclusiva e Relações Étnico-Raciais). Planejamento da prática educativa na educação não formal. Regência de curta duração ou atuação em projetos didáticos em espaços educativos não formais (ONGs, Associações Comunitárias, Museus, Projetos Sociais, Arquivos, Espaços Culturais, etc.). Oficinas pedagógicas. Diferentes materiais didáticos. Tecnologias e recursos digitais. Concepção e práticas de avaliação da aprendizagem.</p>	

Fonte: Projeto Pedagógico do curso de Licenciatura em História EAD/UFRPE. <http://www.ead.ufrpe.br/pt-br/cursos/graduacao/lh>. Acesso 29 de dezembro 2023.

De acordo com a ementa da disciplina disponível no Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em História da UFRPE “a mesma tem por objetivo: Observar, conhecer e diagnosticar os espaços não formais selecionados para as experiências didáticas, Cenários de uma nova conjuntura para a prática educativa.” PPC (plano de ensino, 2023, p. 2).

Assim, estes novos cenários nos colocam desafios antes não experimentados tanto na educação não escolar quanto nas reflexões construídas ao estabelecermos relações com a educação escolar.

A realização da disciplina exigiu o planejamento da prática educativa na esfera não escolar com a condução de atividades de curta duração, como participação em projetos, oficinas, dentre outras.

No âmbito dessa discussão consideramos pertinente refletir sobre a definição do estágio não escolar, respaldados na produção do conhecimento do campo do estágio e também na sua relação com a História.

De acordo com as observações de SILVA (2013), o estágio não escolar busca a investigação de ambientes não convencionais para as práticas educativas, abrindo caminhos inovadores na condução do ensino. Essa experiência visa capacitar o professor em formação para cultivar a competência reflexiva intrínseca ao ser humano, destacando que tal competência necessita de contextos que proporcionem liberdade e responsabilidade para seu pleno desenvolvimento.

A perspicácia de Gohn (2006) traz uma visão abrangente sobre a educação não formal, realçando não apenas a importância intrínseca do estágio não escolar, mas também seu papel transformador na formação do educador, no qual ela defende que a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas, na qual ultrapassam o ambiente escolar.

Simultaneamente, ao contextualizarmos essa discussão com as contribuições de Marc Bloch(2001), um dos fundadores da escola dos Annales, em 1929, na França, no qual o mesmo estabelece que a história é a "ciência dos homens no tempo" e, como tal, tudo que envolve o ser humano ao longo do tempo é objeto de estudo histórico.

Relacionando isso ao estágio não escolar, podemos perceber que essa prática proporciona uma oportunidade única para os futuros historiadores se envolverem diretamente com a vida e a experiência humana em contextos não convencionais.

Ao explorar ambientes não formais, esse estágio permite a aplicação prática dos princípios históricos, ampliando a compreensão sobre como as sociedades se desenvolvem ao longo do tempo e como as experiências humanas são moldadas por diversos contextos.

Assim, o estágio não escolar se torna uma ferramenta valiosa para a vivência e a aplicação prática da "ciência dos homens no tempo" de maneira significativa na trama histórica da educação, proporcionando uma compreensão mais profunda e integrada do processo formativo do indivíduo.

Ao alinhar o pensamento de Marc Bloch com o de Leandro Karnal (2012), no qual ambos ressaltam a natureza orgânica da história, concebendo-a como algo vivo e mutável, podemos ter uma perspectiva que enfatiza a importância de um ensino de história que leve em conta seu maior objeto de estudo: o homem no tempo.

Nesse sentido, os homens contemporâneos estão intrinsecamente ligados aos processos históricos de transformações, rupturas e permanências que se desenrolaram ao longo do tempo.

Relacionando essa visão à prática do estágio não formal, percebemos que essa modalidade de estágio proporciona aos educadores em formação a oportunidade de vivenciar diretamente as relações e experiências humanas na atualidade.

Ao explorar ambientes não convencionais, o estágio não formal permite a aplicação prática dessa perspectiva orgânica da história, enriquecendo a compreensão sobre como o passado continua a influenciar e moldar as interações humanas no presente.

Considerando a perspectiva orgânica da história, destacada por Leandro Karnal e conseqüentemente pela definição de Marc Bloch, ao relacionar com o ensino não formal é possível perceber que se tem uma dimensão ainda mais dinâmica quando relacionada ao ambiente virtual de aprendizagem.

Pois como é enfatizado pelos historiadores a vitalidade da história e sua ligação intrínseca com o homem no tempo, o ambiente virtual proporciona uma plataforma contemporânea para explorar e compreender essas conexões históricas de maneira inovadora.

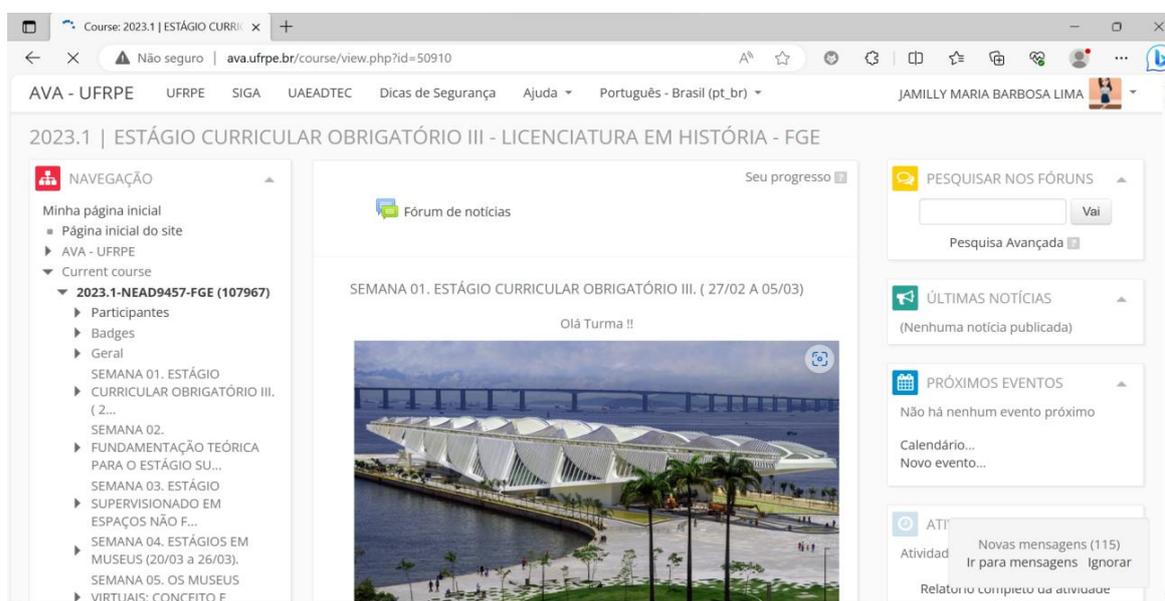
Criando conexões com o contexto do estágio não formal, onde a integração do ambiente virtual de aprendizagem oferece uma abordagem que amplia a análise das relações humanas na atualidade. Os educadores em formação têm a oportunidade de utilizar recursos digitais, interações online e tecnologias educacionais para explorar, de forma mais dinâmica, as influências históricas presentes nas relações contemporâneas, sem se restringir ao espaço físico, mesmo considerando a importância da presença e contato das pessoas de forma física. Pois, também é necessário pensar sobre as possibilidades de alcançar públicos diversos,

promovendo o acesso ao ensino superior e a disseminação do conhecimento histórico de maneira igualitária e envolvente.

Assim, o estágio não formal, combinado com o ambiente virtual de aprendizagem, cria um espaço interativo que não apenas respeita a organicidade da história, mas também incorpora as ferramentas modernas para enriquecer a compreensão e a aplicação prática dessa perspectiva ao contexto educacional atual.

No contexto do ambiente virtual de aprendizagem, o educador encarregado de ministrar a disciplina dispõe de uma sala virtual. Nesse espaço, as aulas são organizadas por semanas, iniciando-se com uma mensagem de boas-vindas aos alunos, fornecendo informações abrangentes sobre a disciplina e seu plano de ensino. Esse plano detalha o cronograma para todo o período de estudo, incorporando a fala inaugural do professor na apresentação da matéria, proporcionando assim uma estrutura coesa e acolhedora para os discentes.

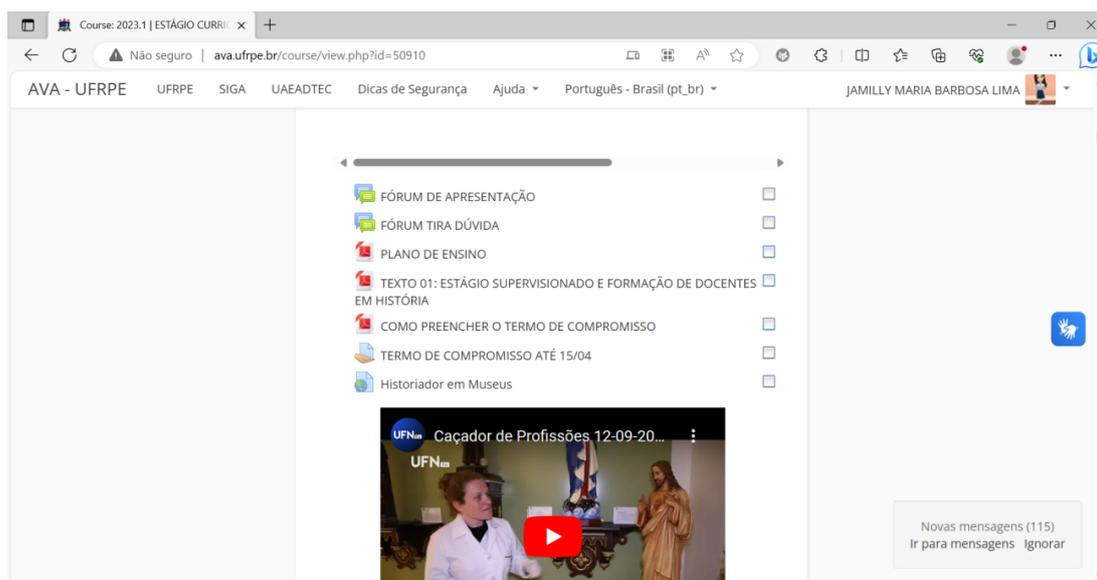
Figura 3: Imagem de abertura da disciplina



Fonte: foto tirada do ambiente virtual de aprendizagem da UFRPE. Course: 2023.1| ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIOIII-LICENCIATURA EM HISTÓRIA-FGE(ufrpe.br). Acesso em 09 de Outubro de 2023.

Em seguida, são disponibilizados os recursos como textos, vídeos, além dos fóruns de participação para o debate sobre o conteúdo da semana:

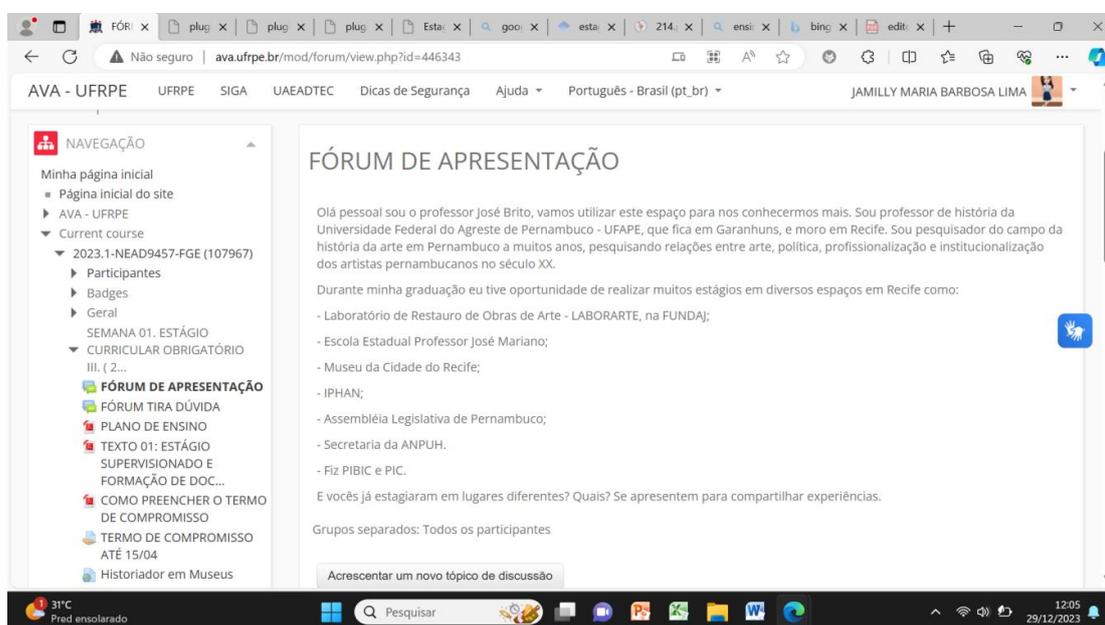
Figura 4: Outros recursos do ambiente virtual de aprendizagem



Fonte: foto tirada do ambiente virtual de aprendizagem da UFRPE. Couse: 2023.1| ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIOIII-LICENCIATURA EM HISTÓRIA-FGE(ufrpe.br). Acesso em 09 de Outubro de 2023.

Para inaugurar o primeiro contato na disciplina, promove-se a abertura do fórum de apresentação, reunindo os estudantes, o docente formador e os tutores virtuais. Esses tutores, são professores responsáveis pelo diálogo contínuo com os alunos, lideram discussões e contribuem para o avanço dos estudos semanais, seguindo as orientações estabelecidas pelo docente formador, que detém a responsabilidade geral pela disciplina.

Figura 5: Fórum de apresentação AVA



Fonte: foto tirada do ambiente virtual de aprendizagem da UFRPE. FÓRUM DE APRESENTAÇÃO (ufrpe.br). Acesso em 29 de Dezembro de 2023.

Na imagem acima, o professor formador realiza uma apresentação pessoal abrangente, compartilhando informações sobre si e suas experiências relacionadas à disciplina proposta. O intuito é proporcionar uma ambientação ao aluno, contextualizando-o tanto ao ambiente virtual quanto à natureza da disciplina.

Em seguida, são disponibilizados fóruns individuais para cada polo participante da disciplina, correspondendo às cidades que sediam os polos presenciais, pois o curso na modalidade de distância é ofertado para vários municípios de acordo com o atendimento da Instituição.

Este fórum tem o objetivo de proporcionar um espaço de apresentação para todos os participantes construir uma aproximação, principalmente, entre discentes e professores, seja o formador como os tutores virtuais, como evidenciados na imagem a seguir:

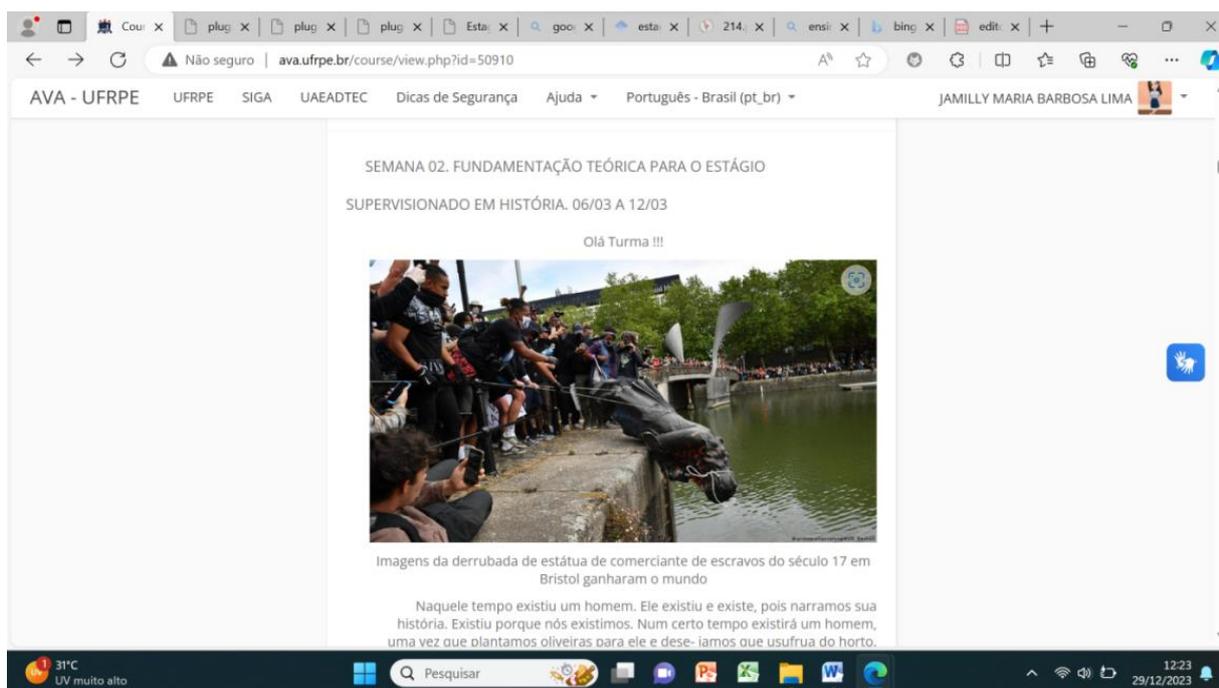
Figura 6: Fóruns por polos

Tópico	Autor	Comentários	Não lida	Última mensagem
FÓRUM DE APRESENTAÇÃO - RECIFE	JOSE BEZERRA DE BRITO NETO	18	0	LUIZ ADRIANO LUCENA ARAGÃO Mon, 20 Mar 2023, 15:11
FÓRUM DE APRESENTAÇÃO - AFRÂNIO	JOSE BEZERRA DE BRITO NETO	20	0	RAIANE EVANGELISTA DE SOUSA Thu, 9 Mar 2023, 13:51
FÓRUM DE APRESENTAÇÃO - PESQUEIRA	JOSE BEZERRA DE BRITO NETO	23	0	Bruno Barros Da Silva Tue, 7 Mar 2023, 20:17
FÓRUM DE APRESENTAÇÃO - PETROLINA	JOSE BEZERRA DE BRITO NETO	16	0	HUGO COELHO VIEIRA Tue, 7 Mar 2023, 10:41
FÓRUM DE APRESENTAÇÃO - GRAVATÁ	JOSE BEZERRA DE BRITO NETO	25	0	JOSE BEZERRA DE BRITO NETO Mon, 6 Mar 2023, 09:49
FÓRUM DE APRESENTAÇÃO	JOSE BEZERRA DE BRITO NETO	0	0	JOSE BEZERRA DE BRITO NETO Sun, 26 Feb 2023, 15:09

Fonte: foto tirada do ambiente virtual de aprendizagem da UFRPE. FÓRUM DE APRESENTAÇÃO (ufrpe.br). Acesso em 29 de Dezembro de 2023.

Nos fóruns, o diálogo acontece e as leituras são compartilhadas por meio de comentários sobre os autores, exposição de questionamentos e explicações dos conteúdos, abrangendo dúvidas ou não, conforme a necessidade de interação percebida pelos estudantes. É nesse espaço que as atividades são propostas e submetidas. Além disso, ocorrem discussões acerca de questões avaliativas, questionamentos e outras situações que são debatidas coletivamente.

Figura 7: fundamentação teórica do estágio supervisionado



Fonte: foto tirada do ambiente virtual de aprendizagem da UFRPE. Course: 2023.1 | ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO III – LICENCIATURA EM HISTÓRIA – FGE (ufrpe.br). Acesso em 29 de Dezembro de 2023.

Após o fórum de apresentação, as semanas são organizadas seguindo uma sequência de conteúdos sempre de acordo com a proposta do plano de ensino, embora possam acontecer mudanças e adaptações de acordo com as necessidades observadas pelos professores ou sentidas pelos alunos. As semanas são sempre iniciadas com imagens tendo o intuito de problematizar e levar a reflexão do assunto trabalhado, através da relação entre a informação que a imagem passa com os textos e vídeos disponibilizados, para fundamentar o debate. Toda semana é pensada e planejada pelo professor formador da disciplina.

Para isso, o professor formador faz a abertura de um fórum de debate para cada polo, iniciando a discussão sobre os conceitos teóricos relacionados à temática da disciplina. Esse processo visa proporcionar o conhecimento necessário sobre o que será abordado ao longo da disciplina, incentivando a participação dos discentes através de imagens reflexivas que tenham ligação ao conteúdo trabalhado com breve introdução e textos complementares para leitura.

O tutor virtual segue o trabalho de acompanhamento dando suporte pedagógico que os alunos precisam, sendo co-responsável com o trabalho realizado na disciplina, junto com o professor formador, como mostra a imagem abaixo:

Figura 8: Interação por polos

The screenshot shows a web browser window with the URL ava.ufrpe.br/mod/forum/view.php?id=447870. The page is titled "FÓRUM DE DEBATE" and contains the following text:

Depois das ricas leituras e vídeos vamos pensar e debater um pouco em torno do papel dos museus na formação histórica das pessoas, mesmo sabendo que no Brasil temos inúmeras dificuldades para acessar os museus tanto nas grandes cidades como nas cidades do interior, pois a ida aos museus inicia quando pegamos aquele ônibus lotado e demoramos horas para chegar neste equipamento, ou quando pensamos duas vezes em ir porque não temos o dinheiro para transporte, alimentação e para entrar nos museus pagos.

Desta forma vamos relatar aqui: 1. Fale sobre a principal experiência de museu que você já teve em sua vida;
2. Se você pudesse criar um museu como ele seria: tema, público, educativo, local, coleções, etc.

Below the text is a table with the following columns: Tópico, Autor, Comentários, Não lida, and Última mensagem.

Tópico	Autor	Comentários	Não lida	Última mensagem
FÓRUM DE DEBATE: AFRANIO / PETROLINA	JOSE BEZERRA DE BRITO NETO	21	0	CAROLLYNE VITORIA DA SILVA SOUZA Thu, 4 May 2023, 09:47
FÓRUM DE DEBATE: RECIFE	JOSE BEZERRA DE BRITO NETO	13	0	ANDRE CALDAS CERVINSKIS Fri, 31 Mar 2023, 10:49
FÓRUM DE DEBATE: GRAVATÁ	JOSE BEZERRA DE BRITO NETO	28	0	EDUARDO JOSÉ SILVA LIMA Wed, 29 Mar 2023, 09:39
FÓRUM DE DEBATE: PESQUEIRA	JOSE BEZERRA DE BRITO NETO	17	0	Bruno Barros Da Silva

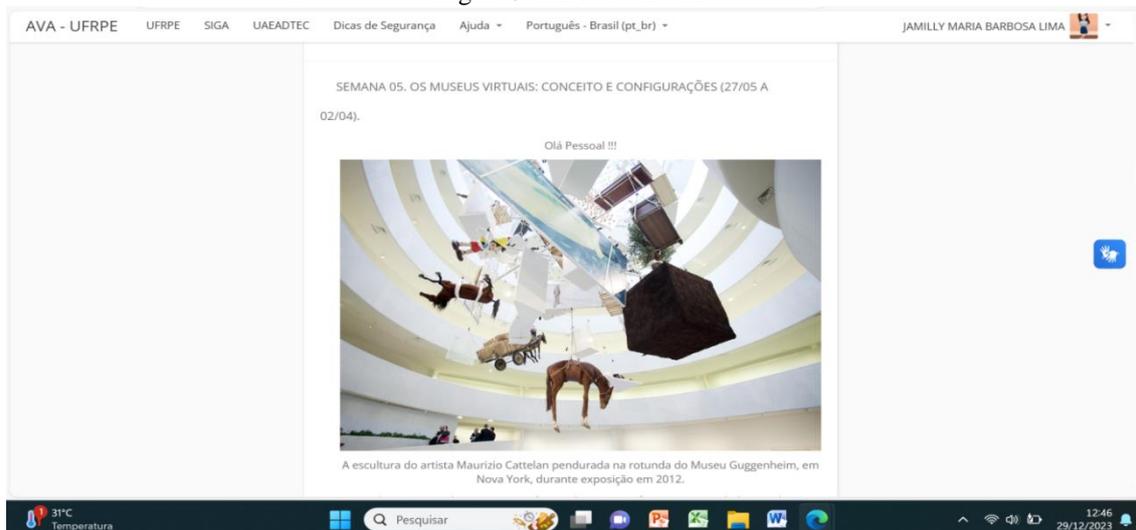
Fonte: foto tirada do ambiente virtual de aprendizagem da UFRPE. FÓRUM DE DEBATE (ufrpe.br). Acesso em 29 de Dezembro de 2023.

Acima, é possível observar que o professor realiza um breve comentário com questionamentos para serem debatidos nos fóruns da semana. Nesse espaço, espera-se que o discente exponha seu entendimento a partir das leituras realizadas nos materiais disponibilizados, expondo suas interpretações e dúvidas. Também esse espaço permite uma troca importante entre os alunos, pois os comentários ficam registrados e muitas vezes servem como esclarecimentos e dúvidas entre colegas e que alguns não tinham percebidos antes. Talvez se a discussão fosse presencial e não ficando nenhum registro essa troca não seria possível a não ser ali no momento presencial, e quem não estivesse presente perderia a riqueza do debate e a contribuição para o aprendizado.

O material de estudo disponibilizado pelo professor formador inclui diversos links para visitação a museus digitais, vídeos de ONGs, tutoriais de estágios interdisciplinares e relatos de vivências. A didática aborda o fazer história, entre outros temas, fornecendo fundamentos para a prática e apresentando elementos que auxiliam na reflexão e organização de atividades nos espaços onde é possível atuar.

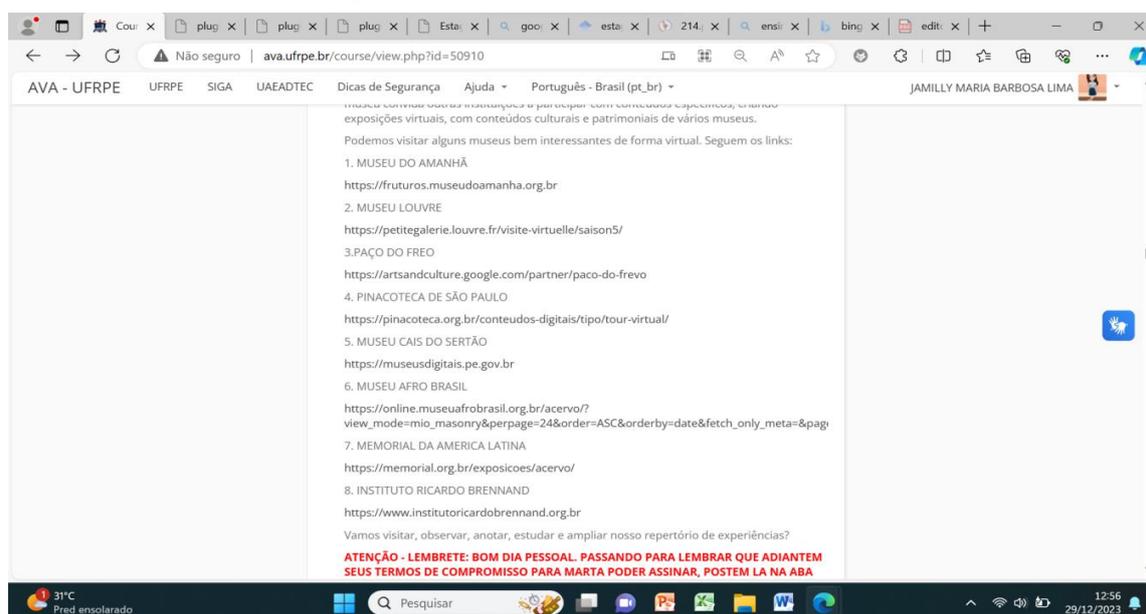
Na imagem abaixo, a semana 05 trata da contextualização de museus virtuais, portanto o professor disponibiliza textos e links de possíveis museus para o discente explorar e compreender o funcionamento das visitas a museus de maneira virtual, dispensando a necessidade de deslocamento físico para essa experiência.

Figura 9: Museus virtuais



Fonte: foto tirada do ambiente virtual de aprendizagem da UFRPE Course: 2023.1 | ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO III – LICENCIATURA EM HISTÓRIA – FGE (ufrpe.br). Acesso em 29 de Dezembro de 2023.

Figura 10: links de Museus Virtuais



Fonte: foto tirada do ambiente virtual de aprendizagem da UFRPE Course: 2023.1 | ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO III – LICENCIATURA EM HISTÓRIA – FGE (ufrpe.br). Acesso em 29 de Dezembro de 2023.

Assim, a disciplina oferece diversas sugestões de locais para a realização do estágio não escolar, explorando temáticas vinculadas aos ambientes. Isso visa orientar o aluno na escolha da opção mais adequada às suas preferências e necessidades.

No entanto, é importante avaliar se a seleção proposta pelo professor é viável para os diferentes contextos onde os alunos se encontram, já que são de municípios diferentes. No

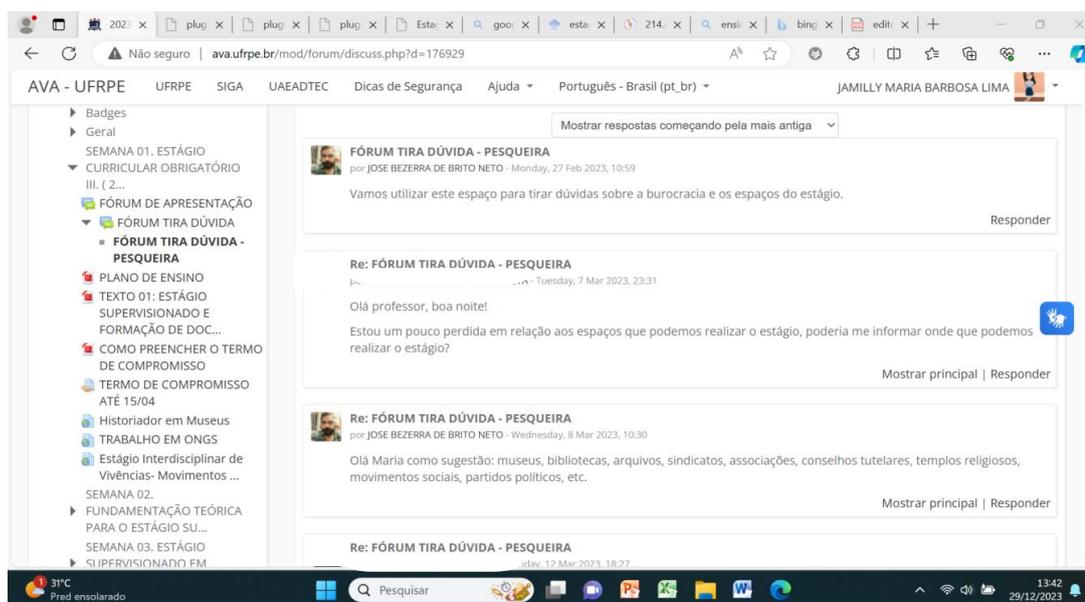
caso em questão pode-se fazer essa avaliação e constatar que algumas das indicações foram de fato relevantes para a escolha do campo do estágio, como a opção de desenvolver ações em associações de moradores rurais, bibliotecas públicas, ONGs entre outras, que já fazem parte da realidade dos estagiários, mas que não se tinha a consciência que esses espaços poderiam ser usados como para a execução de um estágio obrigatório na área do magistério.

O espaço escolhido deveria permitir trabalhar o contexto histórico a partir de um olhar diferente da sala de aula, e com isso a escolha é aberta ao discente, desde que o mesmo siga os critérios e objetivos da disciplina, e para isso é feita uma orientação de quais caminhos devem ser seguidos.

Nesse processo podemos ver a importância da atuação de um bom professor, pois era notório o conhecimento e o saber direcionar a disciplina de forma a aprimorar a qualidade do estágio, considerando as diversas possibilidades e necessidades dos alunos. Essas escolhas, quando bem ponderadas, desempenham um papel fundamental na elaboração das atividades, pois influenciam diretamente na construção de uma experiência significativa e alinhada aos objetivos pedagógicos da disciplina.

Nos fóruns de debate os comentários e as dúvidas eram postados como mostra às postagens:

Figura 11: Fórum de dúvidas

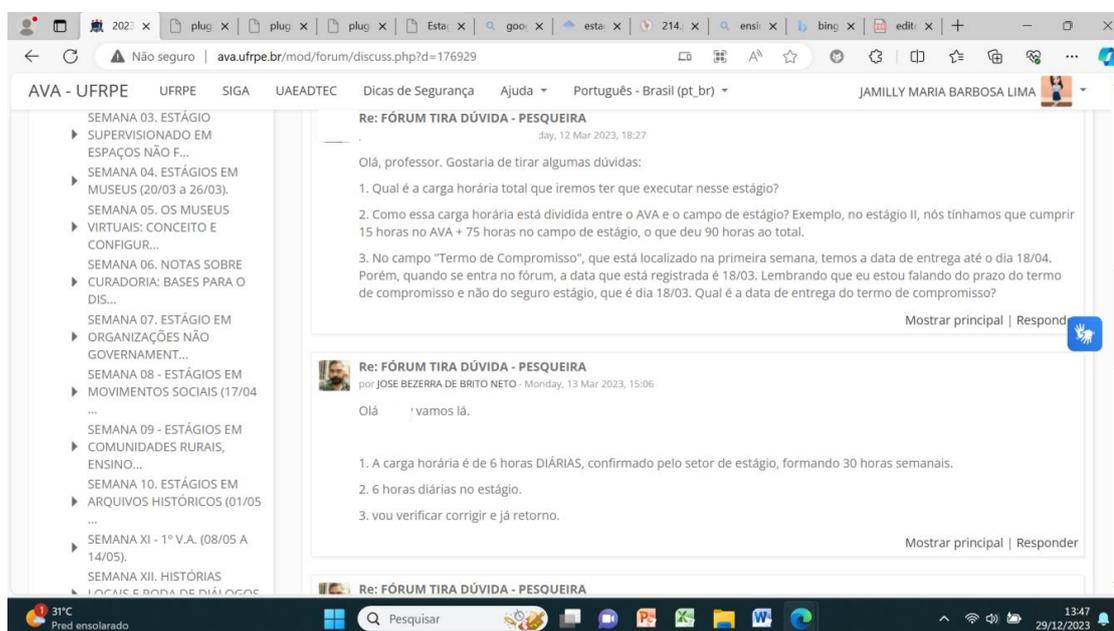


Fonte: foto tirada do ambiente virtual de aprendizagem da UFRPE.2023.1-NEAD9457-FGE (107967): FÓRUM TIRA DÚVIDA - PESQUEIRA (ufrpe.br). Acesso em 29 de Dezembro de

Diante das figuras 11 e 12 exemplificamos como foi realizado o trabalho de orientação pelo professor, que sempre esteve presente em todos os momentos da disciplina, e sempre

respondendo e esclarecendo as dúvidas dos estagiários, o que contribuiu de forma positiva para a conclusão da disciplina.

Figura 12: continuação do fórum de dúvidas



Fonte: foto tirada do ambiente virtual de aprendizagem da UFRPE.2023.1-NEAD9457-FGE(107967): FÓRUM TIRA DÚVIDA-PESQUEIRA (ufrpe.br). Acesso em 29 de Dezembro de 2023.

O docente formador junto com os tutores virtuais dialoga, esclarecem e orientam em relação à escolha do campo de estágio, com sugestões como: museus, centros culturais, empresas, organizações não governamentais, bibliotecas, sindicatos...

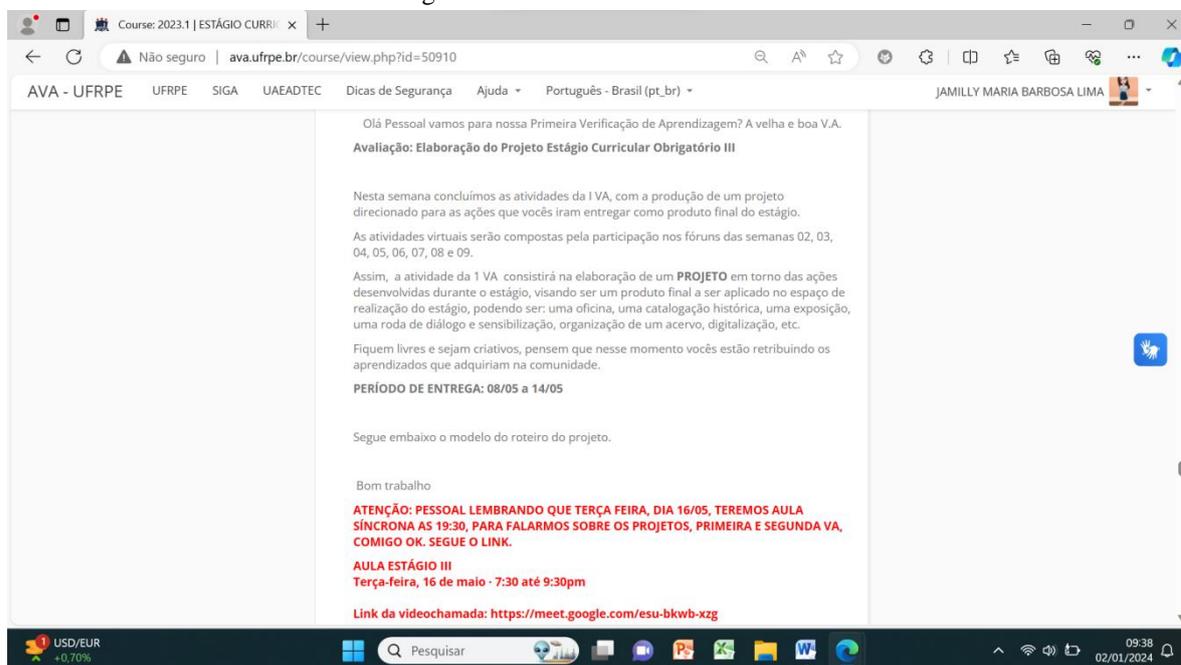
No segundo momento o professor formador estabelece como estratégia pedagógica o planejamento e a execução de um projeto interdisciplinar que envolva a comunidade e o conceito histórico, seja através de oficinas, palestras, rodas de conversas entre outras metodologias que contribua para o fazer História, de modo que agregue conhecimento e experiência para o docente em formação, sem deixar de envolver o grupo de pessoas ou comunidade que fazem parte do ambiente campo de estágio.

Em seguida, é momento de conceber o projeto de intervenção a ser realizado na comunidade escolhida, partindo para sua execução com orientações do professor e tutor, além do compartilhamento com os colegas.

Dado que se trata de um trabalho com formato diferenciado, que demanda uma interação mais próxima, essas orientações eram conduzidas por meio de reuniões virtuais na plataforma do Google Meet, em momentos síncronos com participação de todos. Essa

abordagem visava assegurar a precisão das informações e abordar eventuais dúvidas à medida que surgiam durante as conversas entre tutor, formador e discentes.

Figura 13: encontro virtual



Fonte: foto tirada do ambiente virtual de aprendizagem da UFRPE. Course:2023.1| ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO III – LICENCIATURA EM HISTÓRIA - -FGE (ufrpe.br). Acesso em 02 de Janeiro de 2024.

Na imagem a cima o professor da disciplina faz uma breve introdução ao que será trabalhado na semana e ao mesmo tempo informa o que será debatido durante a aula síncrona virtual pela plataforma do google meet.

Pode-se afirmar que em todo o seu processo a disciplina propõe uma temática instigante que enriquece o repertório pedagógico do estagiário. Contudo, como qualquer outra matéria, ela apresenta algumas lacunas que merecem reflexão.

Um exemplo seria a abordagem aberta na escolha do local para a realização do estágio, se a mesma já viesse com ambientes determinados seria melhor a compreensão da disciplina, pois a escolha do local campo do estágio é muito ampla o que na maioria das situações gera confusão para o discente ao decidir sobre o ambiente, especialmente quando não há familiaridade com essa modalidade de estágio.

No decorrer do curso, tanto encontros síncronos quanto no AVA foram realizados, proporcionando um espaço valioso para abordar e superar as dificuldades e dúvidas iniciais. Essa interação contínua conduziu à construção de novos aprendizados e experiências, capacitando o discente a lidar com diversos ambientes para além da sala de aula.

Simultaneamente, essa abordagem propiciou um novo olhar sobre o fazer histórico e o papel docente, evidenciando que é possível transcender os métodos tradicionais de ensino.

Portanto a interação entre locais específicos de estágio, orientações claras e encontros síncronos e no ambiente virtual durante a disciplina não apenas facilita a execução do estágio, mas também enriquece a formação, capacitando os discentes para uma prática educacional mais abrangente e dinâmica.

CAPÍTULO II

TEORIA E PRÁTICA UMA RELAÇÃO DE APRENDIZAGEM E CONHECIMENTO

A formação do professor de história é realizada nos cursos de Licenciatura em História conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) que orientam sobre as exigências que devem ser atendidas para o perfil do egresso, além das legislações educacionais que normatizam os cursos de graduação, principalmente, as licenciaturas.

No conjunto das disciplinas do curso, os estágios curriculares obrigatórios são parte muito importante da formação, inclusive com uma grande carga horária e exigências burocráticas.

Ao longo das disciplinas muito é discutido sobre o papel do professor de história enquanto agente crítico do processo histórico e nesse contexto a discussão sobre o papel do historiador para além do espaço escolar proporciona uma melhor compreensão sobre a relevância de se trabalhar a história e a historicidade nos mais diversos espaços, sendo eles formais ou não formais.

Como afirma Gil e Werle (2016, p. 700) “Da mesma forma que o historiador constrói passados a partir de vestígios, igualmente aprendemos a ver objetos como patrimônio cultural, a partir de uma operação de saberes e poderes.” Nesse sentido, as autoras trazem a relevância do papel do historiador enquanto observador e construtor do passado a partir de objetos e de elementos do patrimônio cultural de determinado grupo social, sendo estes instrumentos do saber histórico e social onde o historiador deve se posicionar ativamente enquanto defensores do fazer história.

A experiência proporcionada ao longo da disciplina de Estágio Curricular Obrigatório III em espaços não escolares mostrou-se muito relevante para a formação pessoal e profissional enquanto futuros historiadores, apesar das dificuldades iniciais de compreensão sobre os espaços mais adequados a serem escolhidos, uma vez que os espaços não escolares até então haviam sido pouco explorados e discutidos durante a graduação.

Nesse contexto apesar de iniciar com dúvidas sobre o desenvolvimento da proposta da disciplina, os alunos foram incentivados a buscar espaços não formais em que o historiador se fizesse importante para cumprir o que determinava o plano de ensino previamente apresentado. Era necessário então compreender como o trabalho do historiador pode ser relevante também nestes espaços para além do lecionar em sala de aula, conforme o avanço das atividades da disciplina, tanto no AVA como no campo do estágio.

A partir da experiência em espaços não escolares é possível identificar os desafios a serem enfrentados pelo professor de história, onde suas ações precisam compreender os contextos e sujeitos envolvidos, bem como as relações que influenciam na produção do conhecimento histórico, se fazendo relevante seu olhar crítico, mas ao mesmo tempo compreensível e acolhedor para que contribua de maneira significativa na formação do outro.

Iniciado o trabalho no campo de estágio escolhido, bem como vencidas as demandas burocráticas, as ações práticas realizadas proporcionaram conhecer pessoas incríveis com as quais criamos laços de respeito e amizade que permitiram desenvolver o trabalho proposto.

Logo se percebia que o que se mostrava estranho e desconhecido se transformava numa atividade prazerosa, de crescimento profissional e gratificante, pois a prática estava sendo vivenciada de modo orientado e relacionado com os estudos que estava se desenvolvendo. Era necessário praticar a autonomia de buscar esse espaço e lá propor um trabalho importante para que as pessoas responsáveis pudessem aceitá-lo; era também claro para todos os alunos que o trabalho a ser desenvolvido deveria fazer sentido enquanto professores de história, então não se poderia trabalhar qualquer coisa, o tema deveria ser uma temática relacionada a disciplina de história e com relação com o ambiente escolhido, para que tivesse relevância tanto para o estagiário como para as pessoas envolvidas, direta ou indiretamente.

A história está ligada diretamente ao homem e ao tempo, dessa forma tendo o cotidiano como um dos fatores principais para construção histórica, onde podemos perceber o quanto aprendemos ao compartilhamos experiências e conhecimentos, onde fatos que são relatados em uma conversa contribuem para a construção do conhecimento histórico do indivíduo.

Nesse contexto esta abordagem permite um aprofundamento maior nas questões que buscam captar as percepções, opiniões, experiências e significados atribuídos pelos participantes aos fatos relatados. O contato direto com o grupo possibilitou observar a complexidade mostrada ao longo das conversas realizadas com os participantes, bem como com a realidade e desafios vivenciados pela instituição onde realizamos o trabalho.

Diante disso é possível dizer que a história não está limitada aos livros didáticos ou às palavras do professor. Ela está presente de maneira difusa em nosso dia a dia, na sociedade em que vivemos e ao longo do tempo. Além disso, transcende os limites físicos da escola.

As vivências do AVA traziam consigo questões teóricas com a discussão dos artigos e vídeos que aproximava os estudantes das vivências do campo de estágio esclarecendo que os espaços não escolares também carregam consigo simbolismos, vestígios do tempo e marcas

de um passado que podem estar mais ou menos distante temporalmente, cabendo ao historiador/pesquisador uma percepção e compreensão sobre a realidade e historicidade que o cerca.

Ter uma percepção voltada para essas questões se faz crucial para a formação do professor, visto que todos os espaços sociais em que há a presença de grupos há histórias que se fazem relevantes evidenciar, como por exemplo: museus, praças, bibliotecas, arquivos, associações, clubes e outros locais no qual têm o potencial de contribuir de maneira significativa para a relação entre ensino e aprendizagem. Esses espaços representam verdadeiros exemplos da ação do tempo e das diversas interações ocorridas em um contexto específico.

Como citado anteriormente, a prática desse estágio fez com que os estagiários refletissem enquanto docente em formação, o quão é importante essa experiência para a qualificação profissional, no qual proporciona uma vivência para além do que é esperado no decorrer da graduação, mostrando que é possível ensinar história fora da sala de aula.

Concordando com Paulo Miceli quando afirma que “o contato com esses lugares foram fundamentais para a formação do professor e deveria ser também para os alunos” (MICELI. P.43).

É plausível dizer que os conhecimentos adquiridos com essas experiências fazem com que o individuo desenvolva um maior prazer para estudar história, pois é mais gratificante aprender sobre aquilo que se tem a oportunidade de vivenciar e relacionar ao cotidiano, ao mesmo tempo em que lhes preparam para uma compreensão melhor das teorias, das elaborações conceituais e sobre como fazer as relações entre elas.

Na atualidade demandas surgem a todo o momento possibilitando aos docentes oportunidades de propor na sala de aula uma contextualização e maior aproximação entre os conceitos trabalhados através do livro e do contexto em que os alunos estejam inseridos, proporcionando uma contribuição dialogada, incentivando o aluno o desejo pelo conhecer de forma mais satisfatória, viabilizando um aprendizado significativo.

Assim, a experiência do estágio e a imersão provocada por ir além de ambientes escolares, como a biblioteca, espaço escolhido para a realização deste estágio, tornam-se valiosas ferramentas para promover uma importante aprendizagem.

Trabalhar com ambientes fora da escola leva o docente a conduzir sua atenção sobre o preparo que o professor precisa ter, pois a realização de atividades de campo, como visitas em ambientes não escolares exige uma demanda maior de tempo e planejamento para a execução da mesma, o que acaba dificultando a aplicação dessas atividades no dia-a-dia do

docente em que na maioria dos casos devido a uma carga horária excessiva optam pelo ensino tradicional, considerado repetitivo e monótono.

Entretanto vale o docente sempre buscar desconstruir o método de ensino no qual o docente é o centro, e optar por estimular a curiosidade do aluno e seu senso crítico de modo que seu aprendizado seja construído com um grau de criticidade levando-o a repensar e analisar aquilo que lhe está sendo colocando, sem acreditar que esse conceito seja apenas o único e verdadeiro, pois a história é construída a partir do olhar crítico daquele que lhe estuda, sem uma verdade absoluta.

Um currículo de História é o vivido de uma aula, que incorpora as emoções, os afetos, os sofrimentos de professores e de estudantes, mas também das sociedades passadas e atuais, como se o turbilhão inexorável da vida passasse a cada instante pela sala de aula, no momento mesmo do seu acontecer. (Pacievitch, C., et al. 2023, p. 91)

Diante disso, nesse contexto, reflete-se sobre a relevância dos espaços não vinculados à escola para o ensino de História. Ou seja, além das várias abordagens didáticas que podemos adotar em sala de aula, reconhece-se que um método de ensino mais eficaz e produtivo, baseado na exploração do potencial educacional de ambientes externos, é crucial para o processo de ensino-aprendizagem. Isso porque um dos desafios enfrentados pelos professores de história é a falta de interesse, expressa pelos alunos na linguagem do cotidiano, como "estudar algo que aconteceu há tanto tempo e não tem relevância para mim".

Portanto ao fazer uso de uma didática que os levem para ambientes não escolares e que estejam mais perto de suas realidades pode reverter esse pensamento e levar a um bom resultado de participação e interesse por parte dos discentes, pois a apatia dos alunos em relação à história na educação básica não parece injustificada quando considerado o papel que essa disciplina desempenha em suas vidas.

Porém, vale reiterar que o ensino em ambientes escolares vai além de apenas um passeio e uma visita a esses lugares, é necessário que exista uma troca de conhecimento e uma relação do que foi vivenciado durante a visita com o conteúdo trabalhado em sala de aula, como enfatiza Carmem Gil ao considerar que:

A relação que se estabelece entre museu e escola na atualidade é a de aprender com e em contato com os objetos... Das aulas para as salas, o estudante interage com um espaço que é distinto do espaço da escola, compartilham com outras pessoas momentos vinculados à memória, à história e ao tempo e, com essa experiência, formula perguntas para investigar na escola ou, mais do que tudo, para pensar o mundo, a vida, as relações..." (GIL.2019 p. 300.).

A experiência do estágio não escolar nos desafia a refletir sobre outra forma de prática docente, principalmente além do ambiente escolar, já que se pode aprender história de diversas maneiras e em ambientes não tradicionais.

A história acontece a todo o momento e em todos os lugares, porém nem sempre ela é registrada devidamente para que se torne fonte de conhecimento para as gerações futuras, muitas vezes as histórias pessoais, familiares não são valorizadas e por isso acabam se perdendo ao longo do tempo. Portanto, chegamos ao entendimento que o professor de história deve ensinar seus alunos a registrarem a história atual.

Desafiar-se, portanto, constitui um ato que nos faz olhar para nossas ações cotidianas de formação, tanto na universidade, quanto nas salas de aula da educação básica. Aliás, é nestas últimas que o desafio se dá em ato, em uma espécie de desconfiança em relação a nós e aos entulhos pedagógicos e epistemológicos que nos fazem ser o que somos. Os movimentos dos estagiários e das estagiárias nas escolas públicas nos jogam no abismo de onde podemos – ao esquecer o que nos precede – criar paraquedas coloridos e inventar novas formas de ensinar a ensinar história. (Pacievitch, C., *et al.* 2023, p. 100)

Pode-se destacar que a experiência durante o estágio contribui para que, como diz Pacievitch, “paraquedas coloridos” fossem criados ao trabalhar com as histórias do grupo de mulheres 60+ e suas maneiras simples de contar o seu cotidiano com a confecção de um livro de registro de memórias, e nesse processo foi possível conhecer suas histórias que ao mesmo tempo traziam lembranças da cidade de Arcoverde na qual elas residem, possibilitando aos mais novos o conhecimento além dos registros formais que contribuem para o processo de conhecimento histórico da cidade, tal acesso foi possível através dos relatos dessas mulheres.

Quanto à prática do estágio curricular obrigatório III, que ocorre em ambientes não escolares, pode-se dizer que o mesmo trouxe contribuições positivas e inovadoras para a formação docente, por possibilitar o contato com outros ambientes distintos da escola onde é possível trabalhar com o saber histórico, ensinar e aprender sobre como as histórias das pessoas e das cidades, dos monumentos, das suas lutas e conquistas se cruzam ao longo do tempo.

O início das atividades foi agitado, e como sempre, nós alunos, acham tudo confuso por ser algo diferente do que já estávamos acostumados, pois os estágios anteriores eram voltados para o ambiente escolar onde o estagiário tinha contato direto com o aluno e a escola, já nesse foi totalmente diferente causando uma certa resistência para sua execução.

Com o passar das semanas, a partir das orientações do professor e as torças nos fóruns de debates a aflição foi passando e o gosto pela disciplina foi alterando as primeiras impressões e tensões. No final, todos ficaram impressionados com o movimento causado pela disciplina, as construções elaboradas, a busca por espaços nunca pensados antes como de

atuação de um professor de História que pode construir uma aprendizagem tão reflexiva, cheia de afetos e memórias.

De início foi preciso escolher um ambiente não escolar para executar o que era proposto e para tal, inicialmente, foi pensado em trabalhar com a Escola de Música da cidade de Arcoverde e também a Biblioteca Pública Municipal da cidade de Arcoverde, localizada no interior de Pernambuco.

Dada às circunstâncias de facilidade de acesso e também por ser um ambiente apesar da relação direta com a educação, não é comum a realização de trabalhos diretos na biblioteca, principalmente, como alunos do ensino superior.

Na sequência, foi feito os primeiros contatos com os responsáveis para solicitar permissão para estagiar. Os funcionários demonstraram total interesse, porém por se tratar de um ambiente educacional ligado diretamente à Prefeitura Municipal, foi preciso que a autorização do Secretário de Educação. Nesse momento, alguns contra tempos surgiram, pois várias viagens foram necessárias até a coleta das assinaturas e a finalização do aceite para realização do estágio.

Resolvido os trâmites burocráticos que sempre são a parte inicial mais “chata” do estágio, chegou o momento de planejar as atividades e se debruçar na elaboração do projeto de intervenção a ser executado. Após muitas conversas e sugestões junto com os funcionários da biblioteca foi pensada a elaboração do livro cartonero, com o uso de materiais recicláveis e de baixo custo. Em seguida, a definição quanto ao grupo com o qual trabalharíamos: as mulheres de 60 anos; mulheres em grande parte aposentadas e donas de casa que participam de um grupo da terceira idade de nome Casa 60+. Esse grupo realiza atividades interativas no seu dia a dia, no espaço proporcionado pela secretária de assistência social onde funciona o grupo casa 60+, no qual essas mulheres passam o dia e depois retornam para suas residências.

Durante a realização do projeto intitulado Oficina Cartonera: Papelão Vira Arte, a mesma aconteceu em três dias, dois para realização do produto e 1 para a culminância e exposição do material criado por elas, devido ao grande número de participantes no qual fazem parte do grupo da 3ª idade, esse grupo é composto por quase 50 mulheres, porém durante a oficina apenas 30 participaram.

E assim o grupo foi dividido em duas turmas devido o espaço reduzido da biblioteca. Para iniciar a criação dos livros as mulheres receberam informações sobre como deveriam usar o material, compor e customizar os livros.

Algumas demonstraram um pouco de dificuldade para realização, por vergonha de não saber escrever, outras por não querer manusear tintas, mas foram resistências que se

dissiparam rapidamente pela troca e ajuda mútua entre elas. O trabalho era individual, mas tinha um caráter coletivo e solidário.

No terceiro dia como forma de agradecimento por aceitarem participar do projeto, convidamos o cordelista e poeta Diosmam para recitar seus cordéis e finalizar o projeto junto com a culminância dos livros criados pelas mulheres da casa 60+. Todas participaram e se divertiram na produção do livro com a técnica cartonera.

Durante as atividades foi possível perceber que muitas vezes trabalhar com pessoas mais maduras torna o momento mais divertido e te faz refletir sobre o passado e o presente, como cruzamos diferentes conhecimentos, questões geracionais ficam expostas e se tornam o próprio conhecimento a ser discutido e (re)construído.

Com isso foi maravilhoso ter me apaixonado pela customização de artesanato com materiais recicláveis, e por ter conseguido pensar novas práticas de ensino, pelo grande significado que essa inclusão agrega a construção do conhecimento, levando tanto o docente como o discente a ampliar seus conhecimentos, sua aprendizagem e sua forma de pensar.

A disciplina trouxe um olhar diferenciado e mostrou que é possível ensinar História a partir do uso de arte, artesanato e em ambientes não escolares, mostrando que o docente não deve se prender apenas a formas tradicionais de ensino, como o uso de livros didáticos e espaços fechados nas quatro paredes das salas de aulas, sem a exploração de outros ambientes, abertos e com movimentos diferentes daqueles da escola.

A experiência dessa prática resultou em muito aprendizado para além do ensinar história. Foi um estágio que marcou a minha vida acadêmica pelo seu significado e pela riqueza de conhecimento adquirido para a vida profissional, pois foi através dele que pude perceber que o ensino vai além da sala de aula e dos livros didáticos, e que é possível ensinar e aprender em qualquer lugar e independente da idade, sempre se tem algo para ensinar e para aprender, pois o saber é construído através de trocas de conhecimentos e experiências.

CAPÍTULO III

OS ENCANTAMENTOS E DESAFIOS DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO III

O estágio não escolar trata-se de uma experiência vivenciada pelo discente, em formação na licenciatura, fora do ambiente usual da sua atuação profissional, que busca contribuir com novos olhares e conhecimentos, no qual práticas de aprendizagens enriquecedoras que acontecem fora da sala de aula ampliem o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos do aluno licenciando, levando-o a adquirir experiências em diversos ambientes educativos.

Dessa forma, a educação não formal, segundo Gadotti (2005 p.2) não se trata de ser o oposto a educação formal, que acontece nas escolas, mas ela é uma aliada na busca de adquirir e conhecer novas formas de ensino, buscando melhorar suas potencialidades e uni-las de modo que beneficie todos no processo de aprendizagem.

Assim pode-se interpretar que a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo, na vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas como destaca Gohn (2006). Tendo como referência os atos que vão além do ambiente escolar, e que contribui para o aprendizado coletivo, no qual todos têm o que ensinar e também o que aprender em conjunto.

Este capítulo apresenta a experiência do estágio não escolar obrigatório vivenciada na Biblioteca Pública Municipal de Arcoverde, em Pernambuco, localizada na Avenida Dom Pedro II, área central da cidade, onde foi desenvolvida e aplicada uma oficina intitulada projeto "Cartonera: Papelão Vira Arte".

A escolha do campo do estágio se deu pelo fato de ser um ambiente que faz parte da história da cidade e tem relação com a educação.

O lugar é popularmente chamado de “Centro de Cultura” e funciona há cerca de 50 anos. A biblioteca é um lugar voltado para garantir um espaço de estudos e a propagação da cultura. O acervo é constituído de livros antigos e novos, em sua maioria provinda de doações da população.

A Biblioteca Pública Municipal de Arcoverde foi idealizada em outro espaço, diferente de onde se encontra atualmente e depois de alguns anos, mudou-se para o Centro de Cultura no qual permanece. De acordo com o livro “Arcoverde: História Político-

Administrativa”, de Sebastião Calado Bastos, o Centro de Cultura foi construído no governo do prefeito Giovanni Rodrigues Porto, que teve o seu mandato entre os anos 1969 a 1972.

O Centro de Cultura, obra que se impunha, foi uma vitória dessa administração municipal que a projeta no campo cultural e educacional. Nesse empreendimento o Governo Giovanni dispendeu a importância de Cr\$ 95.357,67. Esses números hoje não dizem muito, porém se tratava de vultosa importância para a época, quando o padrão monetário era outro. (...) Estudiosos e pesquisadores, a partir de então, passaram a dispor de uma ampla biblioteca (BASTOS, 1995, p. 174).

A construção da biblioteca na cidade foi de suma importância para população arcoverdense, que é bastante frequentada pela comunidade para realização de estudos, leituras literárias e outras atividades.

É notório ao conversar com os funcionários que a biblioteca é um espaço de muito orgulho para aqueles que lá trabalham, e para a comunidade também, não só pela sua construção, mas pelas as conquistas adquiridas, pois já recebeu premiações pelo desenvolvimento de projetos e ações voltadas para leituras em cooperação com a campanha “eu quero a minha biblioteca”, organizada pelo Instituto Ecofuturo, na qual competições são organizadas sem fins lucrativos, direcionadas para a conservação ambiental e a promoção da leitura.

O Instituto Ecofuturo desenvolveu o projeto “Biblioteca Comunitária Ler é Preciso”, que não apenas proporcionou a premiação, como também fez doações para a Biblioteca. Essa premiação foi muito importante, em nível nacional e o prêmio foi recebido pela coordenadora e bibliotecária, Gleys Maciel e Clecilda Lucena, no Rio de Janeiro, com participação nos eventos realizados para o incentivo à leitura.

O instituto Ecofuturo é uma instituição que promove o incentivo a leitura, a valorização da educação ambiental e o incentivo às bibliotecas públicas:

O Instituto Ecofuturo contribui para transformar a sociedade por meio da conservação ambiental e promoção de leitura. Entre as principais iniciativas estão o projeto Biblioteca Comunitária Ecofuturo, com a implantação de mais de 100 bibliotecas no País, e a gestão do Parque das Neblinas, onde são desenvolvidas atividades de educação ambiental, pesquisa científica, ecoturismo, manejo e restauração florestal, e participação comunitária. Organização sem fins lucrativos, fundada em 1999 e mantida pela Suzano, o Instituto atua como articulador entre sociedade civil, poder público e o setor privado. (ECOFUTURO)

Foi então neste espaço que desenvolvemos as atividades da disciplina Estágio Curricular Obrigatório III, com o objetivo de promover a interação e a participação de mulheres da terceira idade em uma atividade interativa, diversificada e construtiva, pela qual exploravam suas histórias entrelaçadas às histórias do lugar por meio da produção de

Cartoneras (técnica utilizada para confecção de capas de livros, tendo como material principal o papelão). Nesta produção trabalhamos o protagonismo na construção das narrativas envolvendo suas experiências, hábitos alimentares e apresentação de suas receitas, inseridas nos diferentes contextos da cidade.

Consideramos que os discursos orais e receitas culinárias ao longo do tempo passaram a ser compreendidos como fontes históricas que contribuem para o desenvolvimento e construção de fatos históricos, do modo como relata Barros:

O mesmo se pode dizer das relações entre a História e a Linguística, que trouxeram os próprios fatos da língua para o campo das evidências históricas, e algo análogo ocorre com as perspectivas que se produziram na confluência entre História e Antropologia, as quais permitem que se abordem como fontes históricas as evidências e heranças imateriais, já sem nenhum suporte físico e concreto, tais como as festas dramáticas populares e os ritos religiosos que se deslocam e perpetuam-se tradicionalmente na realidade social, ou ainda como os sistemas integrados e reconhecíveis de práticas e representações, os gestos e modos de sociabilidade, os bens relacionáveis ao chamado ‘patrimônio imaterial’ (modos de fazer algo, receitas alimentares, provérbios e ditos populares, anedotários, apenas para citar exemplos). As fontes históricas, enfim, não precisam ser – não necessariamente – materiais no sentido tradicional desta palavra. (BARROS, 2020 p. 06.)

Assim, pode-se dizer que não apenas documentos são considerados como fontes históricas, mas sim todo conteúdo que foi idealizado de forma concreta e imaterial por um indivíduo, desde que transmita algum significado para a construção histórica. Portanto, tudo o que pode ser contado e foi vivenciado são instrumentos que se caracterizam como fontes para o conhecimento histórico, assim sejam utilizados pelo historiador com material a ser lido, analisado e interpretado para compreensão de algo que se deseja conhecer.

O Projeto “Cartonera: Papelão Vira Arte” surgiu da ideia de integrar a oficina de customização de livros a partir do uso de papelão à construção de narrativas de um grupo de mulheres, da terceira idade, atentando para o fato de que, normalmente, atividades como essa são direcionadas para pessoas em formação, crianças e adolescentes, ou adultos em fase de estudos, seja na graduação ou na especialização. Também é preciso lembrar que não é encontrado com facilidade trabalhos de estudantes das licenciaturas que tenham como objetivo de pesquisa grupo com essas especificidades (pessoas da terceira idade), a não ser que estejam estudando a educação de jovens e adultos.

Para trabalhar com as mulheres da terceira idade, foi preciso o contato com o grupo “60+”. Esse grupo é constituído por pessoas com sessenta anos ou mais de idade e pertence à secretária de assistência social do município de Arcoverde. Para tal participação foi necessário o contato com os responsáveis do grupo, nesse caso a coordenadora do grupo, Anny Rafaely, que acolheu nossa proposta permitindo que a oficina fosse feita com os integrantes do grupo.

Na execução da atividade buscou-se agregar ao projeto o uso da reciclagem, pois realizar uma oficina desse porte requer recursos, e uma forma criativa e prática de economizar foi trabalhar a consciência ecológica a partir desse trabalho, e assim fazer uso da reutilização de caixas de papelão para a produção da “Cartonagem”.

O material desenvolvido nas oficinas foram livros no formato cartonero, que são construídos artesanalmente com a utilização do papelão como matéria prima para a sua produção. Esses livros têm capas de papelão e folhas pautadas que foram utilizadas pelo grupo para contar suas histórias e elaborando a customização do livro. Outros materiais foram utilizados para auxiliar na criação do objeto, como tintas, buchas, barbantes, linhas, agulhas, lápis, entre outros.

A Literatura Cortonera é uma técnica que envolve a literatura e criações de livros por meio do uso de materiais recicláveis. Como enfatizado pelo produtor Andréa Carneiro Lobo, editora da Voz Cartonera.

Transformam embalagens, criadas para proteger e transportar bens de consumo produzidos pela indústria, em capas de livros, as quais, ressignificadas, protegerão e transportarão criatividade, independência, beleza, autonomia e ideias sob a forma de palavras (Lobo, 2019, p. 8).

Portanto, a literatura cartonera é a construção de livros a partir da matéria prima do papelão, no qual são usados como capas, que serão customizadas pelos autores e em seguida adicionado folhas escritas, seja por histórias, receitas, diários entre outros, dando vida a um livro de origem reciclável.

Essa literatura Cartonera surgiu devido a uma crise enfrentada pelos catadores de papelão na Argentina, e sobre o olhar de Washington Cucurto (heterônimo do escritor Santiago Vega) e pelos artistas plásticos Javier Barilaro e Fernanda Laguna, deram início a um projeto Cartonero com o intuito de gerar renda para esses catadores e ao mesmo tempo incentivar a apreciação a literatura. Pimentel (2020)

Como discentes do curso de licenciatura em História o sentido atribuído a esse trabalho desde o início, enfrentando dúvidas sobre o que e como realizar, era construir um material de teor histórico que pudesse ser trabalhado também em sala de aula enquanto recurso didático, pensando na história sobre a vida das pessoas e suas experiências situadas no tempo e no lugar, a cidade de Arcoverde.

Ao mesmo tempo era fundamental explicar esse sentido ao grupo com o qual irá se trabalhar para que elas se engajassem na atividade de forma participativa, lúdica e criativa, tomando para si o protagonismo de construir suas narrativas.

E assim passamos à etapa da atividade na qual o grupo teve a oportunidade de fazer Cartonagens, pintando e desenhando as capas feitas de papelão e, posteriormente, escrevendo suas histórias, com acontecimentos marcantes por elas selecionados, como também escrevendo suas receitas ou utilizando como diários, transformando as Cartoneras em fontes históricas.

“Fonte Histórica” é tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no Presente. As fontes históricas são as marcas da história. Quando um indivíduo escreve um texto, ou retorce um galho de árvore de modo a que este sirva de sinalização aos caminhantes em certa trilha; quando um povo constrói seus instrumentos e utensílios, mas também nos momentos em que modifica a paisagem e o meio ambiente à sua volta – em todos estes momentos, e em muitos outros, os homens e mulheres deixam vestígios, resíduos ou registros de suas ações no mundo social e natural. Este imenso conjunto de vestígios – dos mais simples aos mais complexos – constitui o universo de possibilidades de onde os historiadores irão constituir as suas fontes históricas” (BARROS, 2019, p. 1).

A partir dos estudos de José D’Assunção Barros, podemos verificar que as fontes historiográficas são vestígios deixados pelas pessoas. Assim, permitir a criação de livros nos quais as idosas pudessem escrever seus relatos ou o que gostariam de deixar registrado foi uma forma de incentivar a produção de fontes, que poderiam vir a serem utilizados por quem queira aprender ou ensinar sobre as histórias de mulheres de Arcoverde e regiões vizinhas,

Mas, a principal ideia foi a de que as idosas conversassem, relembraassem, selecionassem, refletissem e registrassem histórias que considerassem importantes para si e/ou para outros.

No conjunto dessa realização estava a importância do lugar que acolheu e possibilitou a concretização do estágio, a Biblioteca Pública Municipal de Arcoverde. Local histórico para o município além de acolhedor é inspirador, e bem propício para que as Cartonagens pudessem ser produzidas, uma vez que dispõe de espaço e estrutura adequada para a execução do projeto.

Assim, considerando os aspectos acima elencados – trabalhar com mulheres na terceira idade, explorar a reciclagem, trabalhar com suas histórias como fontes para o conhecimento histórico, num lugar especial como a Biblioteca do município – possibilitou a idealização e execução do projeto “Cartonera: Papelão vira arte”.

As oficinas ocorreram nos dias 15, 16 e 17 de maio de 2023, no período da manhã, das 08h às 12h. Para sua execução utilizou-se dois dias para a construção das Cartoneras e um dia para a culminância, na qual foram expostos os produtos criados pelas participantes.

No último dia, da culminância, contou-se com a participação do poeta local Diosmam Avelino para recitar poemas e cordéis para o grupo das mulheres da casa 60+, com a participação de algumas delas durante a apresentação.

Diante do exposto pode-se afirmar o quanto foi enriquecedor esse momento para todos os envolvidos. Houve troca de aprendizado mútua e uma experiência sensacional em poder vivenciar com pessoas tão experientes, que têm muitas histórias a contar, e que fazem seus relatos com muita naturalidade a respeito das dificuldades vividas mostrando uma força de superação que transborda nas suas falas.

Refletir sobre a importância deste trabalho, em meios às primeiras dúvidas e indefinições, uma vez que não se tinha tido essa experiência anteriormente, permitiu agregar conhecimentos e novas formas de pensar sobre como ensinar história para além do tradicional conteúdo ditado em livros didáticos ou em programas escolares que não deixam o professor perceber ou ter condições de trabalhar muito além do escrito para dar significado real e mais aproximado ao que interessa às pessoas conhecerem.

As imagens abaixo retratam momentos significativos durante a execução do projeto, na qual trouxe trocas de aprendizagens significativas para todos os envolvidos:

- Na figura 14 temos a seleção de alguns materiais tais como: capas cortadas de papelão, tintas, rolos de pintura, pinceis, buchas, lápis, cola, linha, tesoura, agulhas e folhas de papel pautado que foram utilizados na confecção do objeto proposto pela oficina; já na figura 15 mostra o momento em que as participantes estavam desenvolvendo suas produções.

Figura 14: Materiais para oficina



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Figura 15: Mãos a obra



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

- A figura 16 expõe a parte da culminância do projeto e socialização dos trabalhos de cartonagem; e, a 17 registra o momento da participação do poeta e cordelista Diosmam Avelino.

Figura 17: Livros customizados pelas participantes



Figura 16: Cordelista Diosman Avelino



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

- Por fim, a figura 18 representa a conclusão da oficina com a presença de todos os envolvidos para o registro da foto final.

Figura 18: Culminância do Projeto Cartonera: Papelão Vira Arte.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

A disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório III, com prática em ambiente não escolar, revelou-se uma fonte enriquecedora de aprendizado e momentos agradáveis para todos os participantes. É incontestável que desempenhou um papel significativo no desenvolvimento da prática docente, destacando-se a contribuição expressiva para a formação da estagiária que desempenhou um papel ativo no projeto. Essa experiência provocou uma reflexão sobre a riqueza do aprendizado, tanto devido ao caráter não habitual do ambiente quanto pela interação com um público até então desconhecido.

Os desafios enfrentados durante o estágio, longe de representarem obstáculos intransponíveis, foram, na verdade, os elementos que conferiram um prazer singular à vivência. Ao lidar com um ambiente não convencional, houve a desconstrução de perspectivas rotineiras e, por vezes, preconceituosas em relação à escolha de trabalhar com pessoas idosas e às limitações associadas à idade. Entretanto, o estágio não apenas desmistificou essas concepções, mas também abriu espaço para a expansão de perspectivas e metodologias, visando envolver a comunidade de forma inclusiva, independentemente da faixa etária.

A condição de aluna em formação no curso de licenciatura em História, realizando a disciplina de Estágio Curricular Obrigatório III oportunizou essa experiência que com certeza foi um diferencial na minha formação, no meu olhar sobre ser professora e será lembrada como uma daquelas marcas positivas que a escola nos deixa, seja ela no nível básico ou superior. E por tudo isso, foi escolhida como tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

SOBRE COMO FINALIZAR ALGO "FORA DA CAIXA": EXPERIÊNCIA DE VIDA E DE APRENDIZADO

Começamos a dizer que não é possível finalizar, mas apenas concluir uma etapa necessária para que nos tornemos professores de História “fora da caixa”, com todos os sentidos que a isso possa ser atribuído, mas, principalmente, sobre querer ser uma melhor professora de história para nossos alunos.

A disciplina Estágio Curricular Obrigatório III, o estágio não escolar, possibilitou que os docentes em formação experimentassem algo novo e enriquecedor para formação docente, quebrando um paradigma que cursos de licenciatura têm os estágios totalmente atrelados ao ambiente escolar. Apesar das dificuldades burocráticas em relação à documentação, assinaturas e prazos, a experiência foi exitosa, possibilitando um incrível aprendizado.

De início foi tudo muito novo, e de certa forma gerou resistência na execução das atividades propostas pela disciplina de estágio III, mas no decorrer das aulas, das explicações e do acompanhamento do professor formador e tutores tudo começou a fluir dando resultados interessantes e bem elaborados.

Quanto às dificuldades podemos considerar como aprendizados negativos e positivos, e desse modo vale enfatizar que algumas situações servirão como exemplos para a construção de novas experiências.

Assim, dos momentos mais difíceis podemos destacar a burocracia existente nas entidades públicas para a concessão de um estágio obrigatório, no qual de início o ambiente escolhido colocou um certo grau de dificuldade para a realização, pelo fato de ser uma repartição pública vinculada a secretária de educação da cidade, por se tratar de uma Biblioteca Pública Municipal, na qual não tem autonomia na tomada de decisões, com isso foi preciso realizar algumas idas e vindas entre biblioteca e secretaria, até conseguir o consentimento de ambos para a realização das atividades, apesar do bom acolhimento das pessoas responsáveis pela Biblioteca Pública Municipal de Arcoverde.

Outro ponto de dificuldade foi às condições físicas do espaço onde funciona a biblioteca, pela infraestrutura um pouco deteriorada, aparentemente sem manutenção por um longo tempo. Além de identificarmos que a biblioteca não conta com o processo de catalogação digital, no qual todos os livros que pertencem ao espaço fossem registrados e de

fácil acesso através de um sistema online, tendo apenas registros manuais em um livro de controle, ainda que realizado de forma organizada.

Por outro lado, enfatizamos os aspectos positivos das atividades realizadas, sempre ressaltando a importância do aprendizado com essa experiência: a recepção maravilhosa por parte dos funcionários da biblioteca, que nos deu liberdade para explorar o ambiente e desenvolver o projeto com a aplicação da oficina.

O espaço embora precise passar por alguns ajustes em sua infraestrutura como foi citado anteriormente, conta com uma área com mesas grandes que facilitou todo o processo da oficina, facilitando o trabalho coletivo das mulheres nos seus respectivos dias da oficina, sem falar na troca de experiência e conhecimento tanto com os funcionários quanto com o grupo participante de todo o trabalho.

Foi um projeto com uma proposta construtiva, no qual trouxe visibilidade para a Biblioteca Pública e possibilitou uma ampliação do projeto Cartonera, que de início foi idealizado para um público de mulheres da 3ª idade, mas teve sequência com a proposta de aplicá-lo em outro ambiente com um público diferente (adolescentes), fato esse que contribuiu para uma extensão de experiências, o que foi maravilhoso para a construção e o desenvolvimento do nosso processo de formação docente.

O trabalho em diferentes espaços e com novas metodologias proporcionou a ampliação de experiências, desempenhando um papel significativo para percepção das identidades dos indivíduos e da formação de sua subjetividade.

Consequentemente, conforme argumentado por Gohn, à educação não formal assume um papel de destaque no processo de formação e no fortalecimento da cidadania. A autora enfatiza que esse tipo de educação se desenvolve "no contexto da vida cotidiana, por meio dos processos de compartilhamento de experiências, especialmente em contextos e atividades coletivas" (2006, p. 28).

Portanto é sempre necessário que o docente esteja em constante estado de observação, buscando alternativas de metodologias dinâmicas para uso em ambientes escolares e não escolares, na tentativa de trabalhar de forma compartilhada e criativa, tentando sair da posição de detentor do saber.

A análise demonstrou que o estágio não escolar desempenha um papel fundamental na formação profissional dos licenciandos em História, evidenciada pela inter-relação entre as experiências práticas e os fundamentos teóricos do curso.

Além de fortalecer a relação teoria-prática a experiência estimulou uma reflexão sobre essa mesma prática, sobre o desenvolvimento de habilidades e a compreensão da diversidade presente nos contextos educacional e social.

Os resultados obtidos revelam que o estágio não escolar desafia os estudantes a aplicarem os conhecimentos adquiridos no curso em ambientes diversos, proporcionando um olhar ampliado, mais sensível e contextualizado da prática docente. Os alunos destacaram a importância de encontros com diferentes manifestações culturais, arquivos históricos não convencionais e a interação com diferentes públicos como elementos enriquecedores para a construção do conhecimento.

Embora tenham sido identificadas dificuldades, como a necessidade de adaptação a ambientes não convencionais e a gestão de situações inesperadas, estas se revelaram oportunidades de aprendizado. A superação dos obstáculos fortaleceu não apenas a autoconfiança dos estudantes, mas também sua capacidade de inovação e adaptação a diferentes contextos educacionais.

Este estudo sinaliza a importância de pesquisas futuras que aprofundem a análise sobre o impacto do estágio não escolar nos cursos de Licenciatura em História. Além disso, sugere-se investigar o papel do estágio não escolar na formação de professores que atuam em ambientes não formais.

Agradecemos a todos os envolvidos, desde orientadores até colegas de curso, por sua valiosa contribuição para a realização deste estudo.

REFERÊNCIAS

ARÓSTEGUI, J. “Uma teoria da documentação histórica” In: A pesquisa histórica. Teoria e método. Bauru: Edusc, 2006.

Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR6023: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2018. Disponível em: <https://www.normasabnt.org/>. Acesso em: 11 de jan de 2024.

AVA-UFRPE. Ministério da Educação Universidade Federal Rural de Pernambuco. RECIFE/PE. Disponível em: [minha página inicial \(ufrpe.br\)](http://minha.página.inicial(ufrpe.br)). Acesso em 09 de out. de 2023.

BARROS, J. D’A. Fontes Históricas: uma introdução à sua definição, à sua função no trabalho do historiador, e à sua variedade de tipos. São Cristóvão - SE, 2020. Disponível em: Microsoft Word - 1 - José D’Assunção Barros.docx (researchgate.net). Acesso em: 12 de out. de 2023.

BARROS, J. D. de S. SILVA, M. de F. P. da, VÁSQUEZ, S. F. A prática docente mediada pelo estágio supervisionado. Atos de pesquisa em educação - PPGE/ME FURB. ISSN 1809-0354 v. 6, n. 2, p. 510-520, mai./ago. 2011. Disponível em: [a prática docente mediada pelo estágio supervisionado | Atos de pesquisa em educação \(furb.br\)](http://a.prática.docente.mediada.pelo.estágio.supervisionado|Atos.de.pesquisa.em.educação(furb.br)). Acesso em: 03 de dez. de 2023.

BRITO J. Plano de ensino. Curso Licenciatura em História UFRPE. 2023.1. Disponível em: [UNIVERSIDADE FEREDAL RURAL DE PERNAMBUCO \(ufrpe.br\)](http://UNIVERSIDADE.FEREDAL.RURAL.DE.PERNAMBUCO(ufrpe.br)). Acesso em 19 de dez de 2023.

BASTOS, S. C. Arcoverde: História Político-Administrativa. Brasília, 1995.

CORRÊA A. M. do R.; OLIVEIRA L. de C. C. de. Estágio supervisionado em ambientes não escolares: experiências formativas em uma organização não governamental de Bragança (PA). Cadernos de Estágio Vol. 4 n.1 – 2022. Disponível em: https://www.bing.com/search?pglt=41&q=o+estágio+n%C3%A3o+escolar&cvid=192900e65b484c0183372a86d91ea09c&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIECAEQADIECAIQADIECAMQADIECAQQADIECAUQADIECAYQADIECAcQADIECAgQANIBCDY0MDVqMGoxqAIAaAIA&FORM=ANSPA1&PC=HCTS. Acesso em: 28 de out de 2023.

DORNELES, M. P. HEVES, D. W. MORAES. L. dos S. Estágio supervisionado em espaços não formais: uma reflexão acerca de autoria e protagonismo. CONEDU. Disponível em: TRABALHO_EV140_MD7_SA100_ID5182_16082020221815.pdf (editorarealize.com.br). Acesso em: 30 de out de 2023.

ECOFUTURO. Disponível em: Ecofuturo. Acesso em: 16 de out. de 2023.

GADOTTI, M. A questão da educação formal/não-formal.Sion (Suisse).2005. Disponível em: [INSTITUT INTERNATIONAL DES DROITS DE L’ENFANT \(IDE\) \(usp.br\)](http://INSTITUT.INTERNATIONAL.DES.DROITS.DE.L'ENFANT.(IDE)(usp.br)). Acesso em 29 de out. de 2023.

GIL, C. Z. Práticas educativas no museu histórico nacional da argentina: exposição de memórias e construção de histórias educationalpracticesatthemuseo histórico nacional of argentina: exhibitingmemoiresandbuildinghistories. *Revista História Hoje*, v. 8, nº 16, p. 279-303 – 2019. Disponível em: (49) Práticas Educativas no Museo Histórico Nacional da Argentina: exposição de memórias e construção de histórias EducationalPracticesattheMuseo Histórico Nacional of Argentina: ExhibitingMemoiresandBuilding Histories | Carmem Gil - Academia.edu. Acesso em: 08 de dez. de 2023.

GIL, C Z, de V, &Werle, B. Jogos, patrimônio cultural e ensino de história. *Educação*, 41(3), 697–708. 2016. <https://doi.org/10.5902/1984644417591> Disponível em: <http://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/17591/pdf>. Acesso em: 10 de nov. de 2023.

GOHN, M. G. Educação não formal: um novo campo de atuação. Ensaio: avaliação de políticas públicas na educação. Fundação Cesgranrio, Rio de Janeiro, vol.6, n.21, p. 511-526, out/dez, 1998. Disponível em: v06n21a05.pdf (fcc.org.br). Acesso em: 30 de out. de 2023.

LIBÂNEO, J. C. Didática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013. Disponível em: Fila PDF - Libaneo - Didatica Livro.pdf [pnx1166vq9lv] (idoc.pub). Acesso em 04 de nov. de 2023.

Daniele, Juliano. Magnoliacartera editora independente – livros, zines e ebooks. Curitiba - Paraná – Brasil. 2014. Disponível em: MagnoliaCartonera. Acesso em: 05 de out. de 2023

MICELI, P. Uma pedagogia da história? In: Pinky, Jaime (org.). O ensino de História e a criação do fato. São Paulo: Contexto, 2009.p. 43. Acesso em 08 de nov. de 2023.

PACIEVITCH, C., PEREIRA, N., SEFFNER, F., & .Gil, C. (2023). Formar-se professor de história no brasil: desafiar o presente e sonhar o futuro. *REIDICS*, 13, 84-106. <https://doi.org/10.17398/2531-0968.13.06>. Acesso em: 13 de nov. de 2023.

PIMENTEL, A. Editoras cartoneras e a literatura fora do cânone: um olhar crítico para as margens do mundo editorial. *estud. lit. bras. contemp.*, Brasília, n. 62, e622, 2021. Disponível em: scielo.br/j/elbc/a/nM6smZqwQGhzgmnkz4PM94S/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 05 de jan de 2024.

PIRES, C. M. de S.; QUEIROS, P. P. O estágio em espaços não formais de ensino: outras possibilidades do educar. *Uneb*. Disponível em: 214. pdf (redeestrado.org). Acesso em 29 de out. de 2023.

SILVA, N. M. da. Educação para além da escola: reflexões sobre os ambientes não escolares, o ensino de história e a consciência histórica. *Temporalidades – revista de história*, ISSN 1984-6150, Edição 21, V. 8, N. 2 (maio/agosto 2016). Disponível em: [bing.com/ck/a?!&&p=03c23e36bd83056bJmltdHM9MTcwMjI1MjgwMCZpZ3VpZD0yZmI4MTc0OC01YzBkLTY4NzktMjQxZS0wNTNhNWQyMTY5OGemaW5zaWQ9NTI5Mw&ptn=3&ver=2&hsh=3&fclid=2fb81748-5c0d-6879-241e-053a5d21698a&psq=ensino+de+história+alem+do+ambiente+escolar&u=a1aHR0cHM6Ly9wZXJpb2Rpb29zLnVmbWcuYnIvaW5kZXgucGhwL3RlbXBvcmlzaW90L2FydGJlbGUvZG93bmhvYWQvMTk4NDYxNTAyMTI0LzMTNDQvMTg1MzU&ntb=1](https://www.bing.com/ck/a?!&&p=03c23e36bd83056bJmltdHM9MTcwMjI1MjgwMCZpZ3VpZD0yZmI4MTc0OC01YzBkLTY4NzktMjQxZS0wNTNhNWQyMTY5OGemaW5zaWQ9NTI5Mw&ptn=3&ver=2&hsh=3&fclid=2fb81748-5c0d-6879-241e-053a5d21698a&psq=ensino+de+história+alem+do+ambiente+escolar&u=a1aHR0cHM6Ly9wZXJpb2Rpb29zLnVmbWcuYnIvaW5kZXgucGhwL3RlbXBvcmlzaW90L2FydGJlbGUvZG93bmhvYWQvMTk4NDYxNTAyMTI0LzMTNDQvMTg1MzU&ntb=1). Acesso em 09 de dez. de 2023.

VALLE, H. S. do. ARRIADA E. “Educar para transformar”: A prática das oficinas. *Revista Didática Sistêmica*, v. 14, n. 1, 2012. Disponível em: Vista do “Educar para transformar”: a prática das oficinas (furg.br). Acesso em 15 de Nov de 2023.

